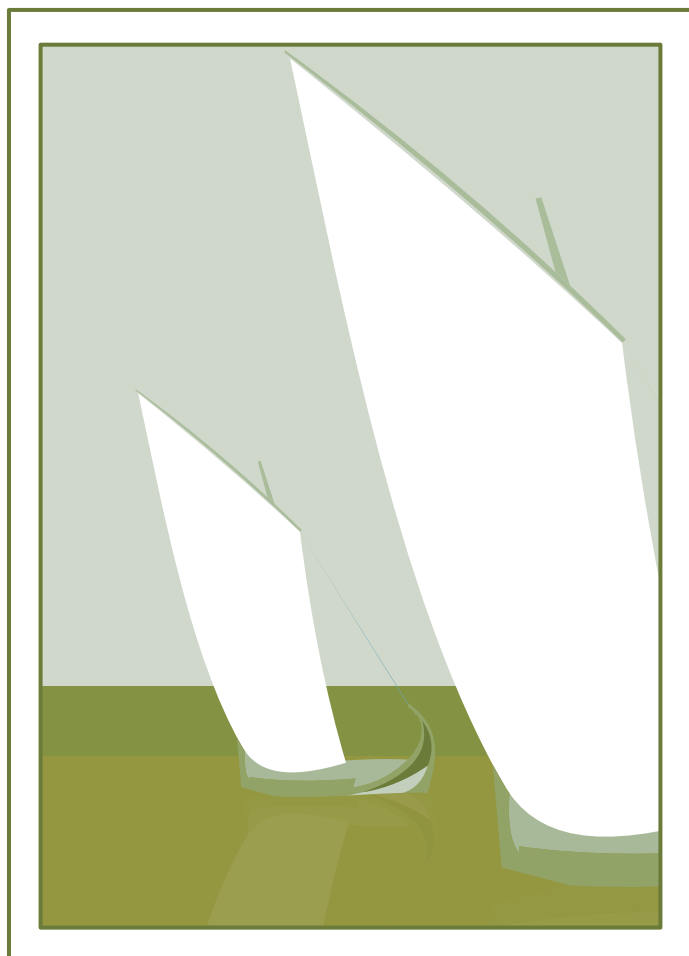




FAINA ACADÉMICA

ou nem tudo que vem à rede é praxe





FAINA ACADÉMICA

ou nem tudo que vem à rede é praxe

AVEIRO





FICHA TÉCNICA

Título:
FAINA ACADÉMICA
ou nem tudo o que vem à rede é praxe

1ª EDIÇÃO

AUTORES DE TEXTO ORIGINAL:

Carlos Miguel Grangeia
Carlos Manuel Rodrigues
Lina Maria Rodrigues
Luís Gonçalves
Luís Jorge Fardilha

EDIÇÃO:

A.A.U.Av.

COORDENAÇÃO:

Sector Informativo da A.A.U.Av.

CAPA:

Paulo Fontes

FOTOGRAFIA:

Paulo Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Paulo Barreira

ILUSTRAÇÃO:

João Almeida

FOTOCOMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

Joartes - Artes Gráficas, Lda.

TIRAGEM:

3000 exemplares

Depósito Legas

nº ISBN: 972-97836-1-6

Setembro de 1998

2ª EDIÇÃO

AUTORES DA 1ª REVISÃO:

Valdemar Vaz
Daniel Gauthier
David Carvalho
João Correia
Nuno Ribeiro
Nancy Salgado
Hernani Ribeiro

Joana Nogueira
Gonçalo Almeida
Sónia Duarte
Joana Ruivo

Autores da 2ª Revisão:

Agostinho Almeida
Alexander Marques
André Azevedo
Carlos Miranda
Daniela Silva
David Carrilho
João Pedro Santos
José Almeida
Marco Rocha
Marisa Madeira
Miguel Fonseca
Rui Silva

Autores da 3ª Revisão:

Luís Borges (Panzer)
Luís Loureiro
Hugo Batista
José Freitas
Carlos Miranda (Corvo)
Miguel Fonseca
Pedro Borges (Tanque)

EDIÇÃO:

Versão WEB - Conselho do Salgado

DESIGN E PAGINAÇÃO:

Luís Borges (Panzer)

Luís Loureiro

Paulo Lopes (Monhé)

Paulo Pintor

Ricardo Esteves Martins

GLOSSÁRIO:

Priscillia Rodrigues

FOTOGRAFIA:

Paulo Oliveira

FOTOCOMPOSIÇÃO:

Paulo Barreira

ILUSTRAÇÃO:

João Almeida

Luís Loureiro



▣ ÍNDICE

INTRODUÇÃO	8
PORTÃO OU BOMBA	9
<i>breve resenha histórica</i>	
BARACHA INICIAL	11
<i>nem tudo o que vem à rede é praxe</i>	
SALINA I	13
VIVEIRO	
<i>Tormentas, marés e bonanças da faina académica...</i>	
ALGIBÉS	
<i>Como se nasce e cresce no Salgado de Aveiro</i>	
ALGIBÉS	16
<i>Orgãos de faina</i>	
CALDEIROS	
<i>Comissão de faina do curso</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Competências</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Organização interna</i>	
TALHOS	
<i>Candidaturas e eleição</i>	
TALHOS	17
<i>Arrais e Varinas</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Insignia</i>	
CALDEIROS	
<i>Conselho do Salgado</i>	
CALDEIROS	19
<i>Salgadíssima Trindade</i>	
CALDEIROS	21
<i>Conselho de Cagaréus</i>	
SALINA II	23
VIVEIRO	
<i>As artes, aparelhos e palamenta do bem trajar</i>	
ALGIBÉS	
<i>Fundamentos etnográficos do Tertúlio</i>	
CALDEIROS	25
<i>Não vamos menosprezar</i>	

SALINA III	28
<i>“Traje Académico”</i>	
VIVEIRO	
<i>Como bem trajar</i>	
ALGIBÉS	30
<i>Exceções</i>	
CALDEIROS	
<i>Lutos</i>	
CALDEIROS	
<i>Núcleos, Tunas e outros Movimentos Associativos</i>	
CALDEIROS	31
<i>Cartas de marear</i>	
SALINA IV	32
VIVEIRO	
<i>Imposição e mérito de insígnias</i>	
ALGIBÉS	
<i>O gabão</i>	
ALGIBÉS	33
<i>Os nós</i>	
SOBRE CABECEIRAS	35
<i>Os nossos Cursos... os nossos Núcleos...</i>	
SALINA V	36
VIVEIRO	
<i>Linhas e Anzóis de bem praxar</i>	
ALGIBÉS	
<i>Quem pode praxar no Salgado Académico de Aveiro</i>	
CALDEIROS	37
<i>Direitos e deveres dos Patrões e Patroas</i>	
SOBRE CABECEIRAS	38
<i>Ferramentas e materiais utilizados para “praxar” Lodos e Lamas</i>	

SALINA VI	40
VIVEIRO	
<i>O Outono...</i>	
ALGIBÉS	
<i>Calendários, ampulhetas, marégrafos e afins da safra anual...</i>	
CALDEIROS	43
<i>Fainas e tertúlias marcantes da recepção</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Cerimónia de imposição de insígnias - Serenata à Santa Joana Princesa</i>	
SOBRE CABECEIRAS	44
<i>Baile do Aluvião</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Dragagem do Salgado Académico</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Grande Aluvião</i>	
CALDEIROS	
<i>Loucuras de um Enterro</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Roncadas</i>	
SOBRE CABECEIRAS	45
<i>A Grande Caldeirada de Mestres</i>	
TALHOS	
<i>Da candidatura aos cargos de faina na Grande Caldeirada de Mestres</i>	
SOBRE CABECEIRAS	46
<i>Tomada de Posse da Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado - Serenata à Ria</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Sarau Académico</i>	
SOBRE CABECEIRAS	
<i>Desfile do Enterro</i>	
TALHOS	
<i>Historial do Desfile do Enterro</i>	
TALHOS	47
<i>Regras do Desfile do Enterro</i>	
SOBRE CABECEIRAS	48
<i>Baile de gala</i>	

SALINA VII	49
VIVEIRO	
<i>Excepções e penalizações que fazem as regras</i>	
ALGIBÉS	
<i>Para quem não quer... Há muito!</i>	
ALGIBÉS	50
<i>Excepções para evitar tentações...</i>	
ALGIBÉS	51
<i>Punições para quem caiu em tentações!</i>	
CALDEIROS	
<i>Justiça Sumária Académica</i>	
SOBRE CABECEIRAS	52
<i>Indemnizações e coimas académicas</i>	
CALDEIROS	
<i>Caldeirada de Justiça Suprema</i>	
ESTEIRO	52
<i>Alterações ao Código de Faina</i>	
BARACHA FINAL	53
<i>Nem tudo o que Veio à Rede Foi Praxe</i>	
CANAL I (EM ETERNA CONSTRUÇÃO)	54
<i>Canal regulamentador das cores dos cursos</i>	
CANAL II	57
<i>Canal regulamentador da candidatura e eleição da Comissão de Faina do Curso</i>	
CANAL III	59
<i>Canal Regulamentador do GOD</i>	
CANAL IV	60
<i>Canal da Carta de Princípios do Conselho Nacional e Praxe e Tradições Académicas</i>	
CANAL V	61
<i>Canal regulamentador do Grito Académico Aveirense</i>	
GLOSSÁRIO	62
BIBLIOGRAFIA	66
AGRADECIMENTOS	67



INTRODUÇÃO

A existência de um instrumento orientador e difusor das tradições e vivências Académicas tem o intuito de fomentar em todos os membros da Academia o gosto pelo conhecimento da região que durante alguns anos será o seu Lar – AVEIRO.

Esta *Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe* surge, assim, como uma épica tentativa de enquadrar as tradições, os movimentos sociais e a dinâmica cultural da região com as manifestações académicas inerentes à existência de organismos mobilizadores, como Associações de Estudantes, Núcleos e outros, da vida académica. O reconhecimento dos mesmos, em termos de trabalho desenvolvido e em termos de formação complementar e extracurricular do estudante, passa por um dever de qualquer membro desta academia. Deste modo, a filosofia base adoptada na elaboração desta faina teve como objectivo principal identificar o estudante recém-chegado com o meio em que se virá a inserir e, simultaneamente, regulamentar a conduta da Nossa Vivência. As Fainas Piscatórias, o ciclo das Safras do Sal, actividades que se desenvolvem desde tempos imemoriais na região de Aveiro, são a fonte de inspiração e cenário das modestas linhas que a seguir se lavram na...

◎ PORTÃO OU BOMBA

Breve resenha histórica

As raízes de Aveiro identificam-se com Céltica Talábriga. Daí chegaram a Talavarium e, depois, a Alvarário, como consta do primeiro documento escrito que se conhece, no caso a funcionar como certidão de nascimento desta terra. Este primeiro documento escrito sobre o Salgado, remonta a 26 de Janeiro de 959 d.C. sendo consequentemente anterior à formação da nacionalidade (1143), refere-se à doação das terras que possuímos no Alvarário (Aveiro) e das salinas que aí mesmo comprámos - “Terras in alavario et salinas que ibidem comparavimos”, feita pela condessa de Mumadona Dias ao mosteiro de S. Salvador que fundou em Guimarães. Se compradas por ela, teriam de existir anteriormente. Há quem pense que terão sido os Fenícios, povo dado ao comércio que terá vindo do Médio Oriente, por mar, no século X a.C. que, abandonando mais tarde as relações com o país de origem, terá passado a dedicar-se, entre outras actividades, ao fabrico do sal. Com a independência de Portugal, a “cidade” e as marinhas foram propriedade da nação até que em 1187 D. Sancho I doou Aveiro à sua irmã D. Hurraca Afonso. Em 1215, D. Hurraca Afonso doou a produção de sal ao mosteiro de S. João de Tarouca, produção que já na época deveria atingir alguns milhares de toneladas. O que em parte explica o acentuado desenvolvimento urbano eino, o mesmo continuando, nessa região, pelo século XIV, ainda que a base social assentasse fundamentalmente em pescadores, marnotos e trabalhadores agrícolas.

Verificaram-se outras mudanças de proprietários deste tipo, mas o que é de salientar é que a produção de sal em Aveiro era já de facto notória durante a primeira dinastia, sempre considerada e reconhecida pelo próprio Rei uma autêntica “Feitoria do Sal” nas Cortes de Évora (1361). Pois além de abastecer todo o norte do país exportava já para países Europeus como a França, a Flandres ou a Inglaterra, tendo continuado uma actividade próspera, nomeadamente nos reinados de D. Afonso IV e D. Pedro I, sendo uma regular fonte de riqueza com a qual se pagaram dívidas e empreendimentos nacionais, como aconteceu com a tomada de Ceuta (1415) e com as Guerras da Restauração (1640-1668). No entanto, com os problemas da Barra e a quase estagnação das águas da laguna as dificuldades começaram a surgir e a actividade começou a decair.

Com efeito, a topografia da Ria e a circulação de água a ela associada, que como se sabe variaram grandemente ao longo dos tempos até à abertura artificial da Barra, em 1808, foram factores decisivos na variação do número e situação das salinas. Estas, no século X d.C., Alquebim, Esgueira, Sôza, Vagos, Bôco e Ílhavo, no reinado de Afonso IV seriam cerca de quinhentos. No entanto, no século XVIII, só existiriam cerca de 170 marinhas e só após a abertura da Barra em 1808, permitiu a renovação regular das águas da Laguna, a actividade refloresceu, tendo-se mesmo constituído novas marinhas que nos anos 60 do nosso século, eram cerca de 270, chegando a produzir cerca de 95.600 toneladas/ano em 1966.

No entanto, a partir de 1960 a actividade salícola entra em franca decadência, não só em número de salinas activas como também em volume de produção. Em 1991, havia cerca de 30 marinhas licenciadas para a produção de sal, no entanto, apesar de estarem activas, nem todas se dedicam à produção de sal, aguardando apenas licenciamento para a piscicultura. Daí que, apesar de renovar as licenças para a salicultura, apenas o fazem com o intuito de aproveitarem as infra-estruturas para a produção de peixe em regime extensivo.

Em suma, a situação actual do Salgado Aveirense não é animadora atendendo ao papel de relevo que já teve no passado como “Pólo de Desenvolvimento”. A designação de “Pólo de Desenvolvimento” justifica-se pela existência de factores que por razões de ordem vária contribuem para o crescimento económico, tais como: Inovação; Progresso tecnológico; investimento; aumento de produção; aumento de qualidade do produto; diminuição do preço; etc... Estes factores irão desencadear sinergias e todo um processo de desenvolvimento. As sinergias poderão ser transmitidas de uma forma horizontal - se tratar de uma ertical – se tratar de uma difusão desequilibrada dos efeitos de crescimento, beneficiando os sectores que estão directamente ligados com o sector inovador quer estes se encontrem a montante ou a jusante.

Salgado de Aveiro foi esse elemento “Motor” do desenvolvimento económico dado o papel de relevo que teve na economia da região, na medida em que dinamizou um conjunto de actividades nesta área tais como: a construção de alfaias agrícolas; a construção de embarcações; dinamizou e alargou as redes de comercialização, assim como toda a actividade armazenista; gerou postos de trabalho; permitiu a pesca de longo curso, nomeadamente a do bacalhau, enfim... em várias épocas, o Salgado foi a pedra angular, “a chave” dos períodos áureos de Aveiro. Dele emergiram os impulsos que as micro-unidades – Unidades dependentes – iam transmitir e necessariamente ampliar contribuindo assim para o processo de desenvolvimento económico.

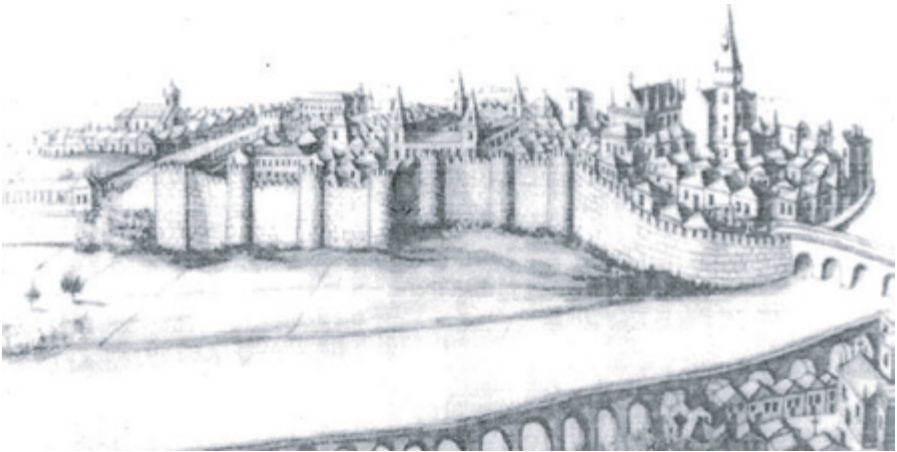


Figura 1 - Aveiro e sua Muralha Quatrocentista (quadro do séc. XVIII)

◎ BARACHA INICIAL

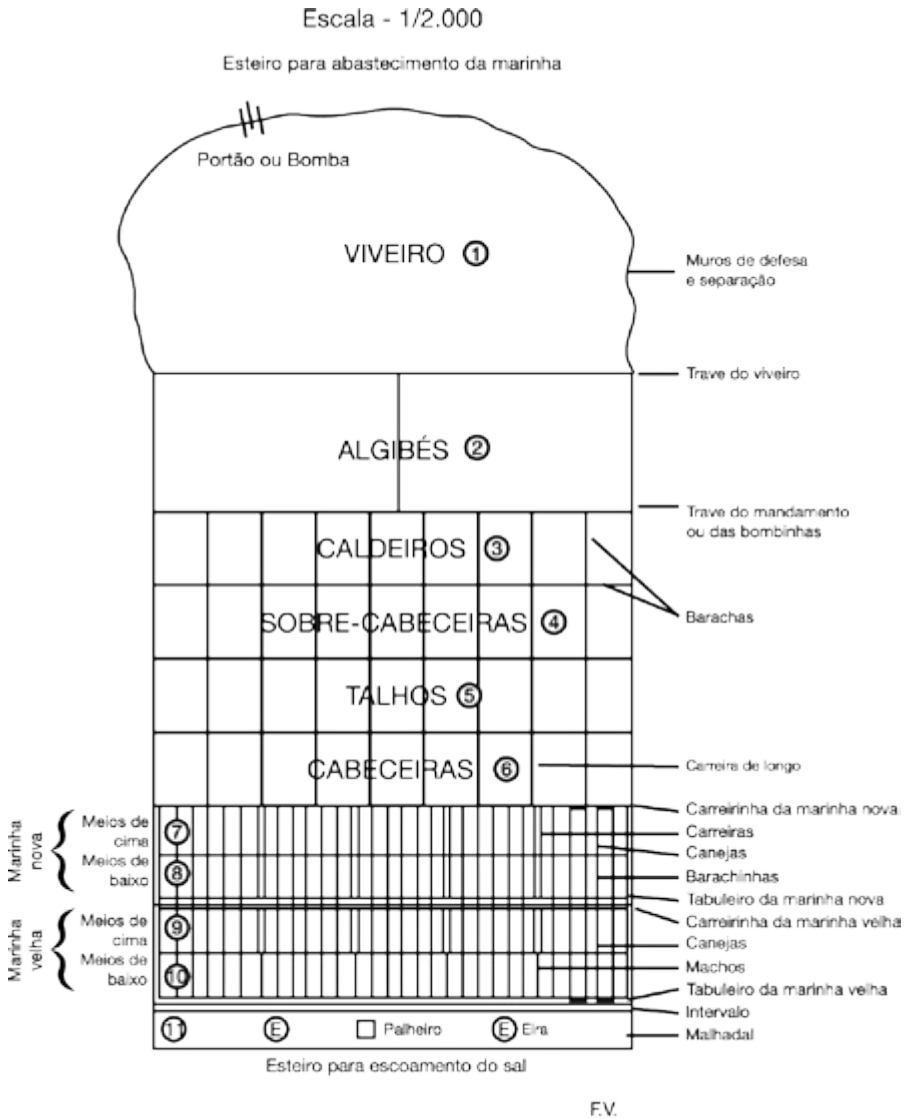
Nem tudo o que vem à rede é praxe

E eis que nos chegam, de intempéries e outros vendavais (perturbando a bonança) uma mistura de caloiros e caloiras que se corporificam naquelas tansas criaturas – os lodos e lamas (género distinto mas basicamente híbrido). Estes entopem, conspurcam, dificultam, estragam e estrangulam o nosso “Portão”, as Salinas, os Canais, a cantina, a secretaria, as “Bombinhas”... e outros locais públicos e privados. Procede-se assim, de uma maneira afincada e implacável a uma “Limpeza”, aplicando-se partes desses detritos na reparação das “Cambeias” – brechas causadas pelos caloiros e caloiras na sua vinda atribulada – concluindo-se com a aplicação do “Capelo” (camada de lama e de lodo que arremata em toda a extensão).

A “Limpeza” culmina na “Rega do Mandamento” em que a fluência se torna mais uniforme e menos díspar. Segue-se assim a “Cura”, operação que tem como objectivo o produto final (subentenda-se, o Sal), que é colhido e conservado (“Feitura”) para futura utilização. A Safra divide-se em três fases com datas próprias e sucessivas. A primeira, que se limita aos trabalhos preparatórios, tem começo geralmente em meados de Abril e dão-lhe os marnotos o nome de “Limpeza”. A segunda, que abrange propriamente o fabrico do sal, intensiva nos meses de Maio a Agosto, e chamam-lhe “Cura”. A terceira, que consiste na recolha e conservação do sal, tem lugar em Setembro e designam-na por “Feitura”. A “Limpeza” tem por objectivo escoar as águas depositadas na “Comedoria” e no “Mandamento”; reparar os estragos causados pelas tempestades e remover as lamas depositadas durante o período de inactividade da salina. Efectuados estes trabalhos preparatórios procede-se à entrada de água pela primeira vez na salina, operação a que chamam “Regar o Mandamento”. A “Cura” é um conjunto de serviços que tem por objectivo obter o endurecimento do “Parcel”, geralmente brando e vasoso, preparando-o para a “Feitura” do sal. É o trabalho mais importante, pois dele depende a abundância e a boa qualidade daquele produto, abrangendo um conjunto de serviços tais como: “Escoar Encanas”, que significa o esgotamento da água depositada nas salinas; “Amanhar o Mandamento”, “Arear Passadoiros”, “Machos”, “Eiras” e “Tabuleiros”, espalhando areia fina; “Bulir”, serviço que consta em agitar a moira brandamente a fim de remover a película de sal que a cobre e obter melhor evaporação; “Quebrar” e “Envaier”, ou seja juntar o sal nos lados de cada compartimento cristizador; “Rêr”, operação que se traduz em arrastar o sal para o tabuleiro; abrir o tabuleiro, moirar as cabeceiras e os meios de cima para dar passagem às moiras; e por fim tirar o sal para as eiras. Cada operação de sal rido demora três dias a cristalizar.

O trabalho da “Feitura”, última fase da actividade das salinas, consiste em encher os montes pela colocação do sal nas eiras sobre a forma geométrica de um cone.

Concluídos os trabalhos de colheita e conservação, procede-se ao alagar da salina e inundação que a submerge inteiramente, com a qual se põem termo ao período anual da actividade da exploração salineira, mantendo-se assim até à Primavera seguinte.



Fonte: C.R.P.Q.F. - Inquérito à Indústria do Sal

Figura 2 - Esquema de uma Salina

▣ SALINA I

◎ VIVEIRO

Tormentas, marés e bonanças da faina académica...

Aparelhar – Representa os primeiros passos nesta academia para as Lamas e Lodos, Moliço, Caniças e Juncos. Estes preparam as linhas e enredos com que se irão coser durante toda a sua Faina Académica (Vida Universitária). A transformação radical de hábitos (alcoólicos e sexuais) e para muitos a mudança de casa e ainda de namoradas(os), (neste caso recomenda-se acumulação), obriga a uma depuração e tratamento que os vai tornando em Mui Ilustres Membros do Salgado Académico de Aveiro.

Lançar – Nesta fase quando já Moço (uns mais outros menos!), Moças, os membros da Academia possuem os conhecimentos e a experiência mínimos sobre os locais e os momentos de lançamento dos enredos indispensáveis para capturar o que querem “possuir”.

Recolher – Já Marnotos, Salineiras ou sempre Mestres a impaciência instala-se nestes estudantes, que colhem ansiosamente, o fruto de tão longa Faina e extenuantes Safras anuais. Largam amarras e partem mundo fora carregados com o precioso Sal Académico, indispensável para vencer os Desafios da Vida. Do Salgado Académico ficará a saudade dos anos marcantes de ser Universitário e da boémia de Aveiro.

◎ ALGIBÉS

Como se nasce e cresce no Salgado de Aveiro

A matéria-prima básica de qualquer Academia são os caloiros que a exemplo do que acontece na Ria de Aveiro chegam com as primeiríssimas chuvas, ao fim do Verão, na forma de Lodos ou Lamas. A descrição hierárquica seguinte contempla todos os cursos excepto a Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia de Produção Aveiro Norte (ESAN) e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA) que devido ao facto de serem politécnicos o grau de mestre é atribuído á 4ª matrícula..Para melhor entendimento, aconselha-se a consulta do quadro resumo na Salina IV.

LODO – versão académica – Sedimento de estudante degradado em que a "bunda" resíduos de escola secundária e se encontra depositado nas profundezas do Salgado Académico.

LAMA – Mesmo que Lodo, mas no género feminino.

MATRÍCULAS: Uma e única.

DIREITOS: Não existem, no entanto permite-se a escolha de Patrão ou Patroa para que não fique solo baldio.

DEVERES: Todos os que nos apeterem e mais alguns. Quando misturados ou referidos em simultâneo, tomam como nome Aluvião ou Aluviões, conforme o número. Quando transportados (pelo seu próprio pé) perante a tribuna onde se encontra a Salgadíssima Trindade e seus ilustres convidados, no decorrer do Desfile da Semana do Enterro do Ano, os Lodos e Lamas transformam-se em Moliços (as).

ALUVIÕES INSOSSOS – Aluviões provenientes de águas doces (entenda-se outras Academias) necessitando por isso de um ano de permanência no Salgado Académico para adquirirem algum sabor, pois o que seria da vida sem Sal?

MATRICULAS: Uma no Salgado Aveirense e uma ou mais noutras águas, que a partir da 2ª matrícula acumularão.

DIREITOS: Em tempos antigos, quando as cantinas não eram solo sagrado, antes de ocorrerem abusos em locais de pasto tão maravilhosos (ou não) os Aluviões In-sossos poderiam deliciar-se na cantina sem serem perturbados, podendo fazer uso dos utensílios metálicos disponíveis. Actualmente estes têm o direito de não participar em qualquer tipo de faina depois das dezoito horas treze minutos e quarenta e sete segundos (aconselha-se o uso de um astrolábio), com a excepção que caso a faina estiver a ocorrer em cima de um ancoradouro só pode abandoná-la antes do início da preia-mar.

DEVERES: Os mesmos que os restantes Aluviões, i.e., todos os que nos apeterem e mais alguns.

MOLIÇO – É fertilizante 100% natural, agente revitalizador do Salgado Académico. O estudante neste estado ainda se encontra sujeito às vontades das marés, sem poiso certo e por isso é necessária ajuda para que se "oriente".

MATRÍCULAS A mesma de quando Lama ou Lodo.

DIREITOS Já têm dois, pode existir e pode trajar.

DEVERES Os que nos apeterem...

INSÍGNIAS (Consultar Salina IV)

Logo após a segunda matrícula o estudante cria raízes na Academia e na Cidade e toma a forma de:

JUNCO – Ou vulgar herbáceo aquático, verde e inexperiente que assiste às fainas e tertúlias da Faina de Lodos e Lamas, tentando adquirir algum saber na arte.

CANIÇA - O mesmo que Junco (género feminino), mas com linhas mais atraentes.

MATRÍCULAS: Duas

DIREITOS: Tem três (incrível)... Existir, trajar e usar insígnias.

DEVERES: Não poluir, não atrapalhar a navegação, não praxar Aluviões, etc...

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MOÇO – Já com liberdade de movimentos, está autorizado a entregar-se aos prazeres da Faina, Lodo ou Lamas... conforme os gostos ou tendências.

MOÇA – Género feminino de Moço, espera-se que, tal como ele...

MATRÍCULAS: Três

DIREITOS: Plenos, de membro do Salgado Académico.

DEVERES: Prestar reverência e mostrar respeito aos mais velhos em particular aos Mestres. Cumprir e fazer cumprir o código de Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe bem como as tradições e ensinamentos contidos neste (e em caso de dúvida ler o código uma vez mais!).

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MARNOTO e SALINEIRA – A finalizar a estadia no Salgado Académico, a sua preocupação é obter a melhor cotação (nota final) pela sua Faina, pois com isso sentem-se prontos para os maiores desafios que lhes surgirem.

MATRÍCULAS: Quatro

DIREITOS: Todos, mais os que conseguirem.

DEVERES: Recordarem e suspirarem de saudade pelos anos vividos no Salgado Académico, nunca se esquecendo de visitar quem fica.

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

MESTRES – Pela sua permanência prolongada no Salgado Académico possuem experiência e a autoridade máxima, sendo verdadeiros detentores do saber viver académico.

MATRÍCULAS: Cinco matrículas ou todas as que conseguirem. Com a excepção da Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia de Produção Aveiro Norte (ESAN) e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA) que devido ao facto de serem politécnicos o grau de mestre é atribuído à 4ª matrícula.

DIREITOS: Todos sobre todos.

DEVERES: Respeitar e fazer Respeitar o código de Faina Académica ou Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe bem como as tradições e ensinamentos contidos neste, participar nas caldeiradas de mestres e assim contribuir para a tradição académica Aveirense.

INSÍGNIAS: (Consultar Salina IV)

⊙ ALGIBÉS

Órgãos da faina

⊙ CALDEIROS

Comissão da faina do curso

⊙ SOBRE CABECEIRAS

Competências

Aos elementos da Comissão da Faina do Curso cabe incentivar, coordenar e implementar todas as actividades no âmbito do código da “Faina Académica”, nomeadamente: recepção ao Aluvião, Fainas de curso, desfile do Enterro e jantares de curso, entre outros, assegurando que todas as actividades se realizem em conformidade com o código. É também competência desta Comissão estabelecer um elo de ligação com o Conselho do Salgado, visando assim um melhor intercâmbio de informação.

⊙ SOBRE CABECEIRAS

Organização interna

A Comissão da Faina do Curso deverá ser constituída por um número máximo de 10 elementos mais o Mestre de Curso e, apesar de todos os elementos desta comissão terem o mesmo estatuto, por uma questão de funcionalidade, será liderada pelo Mestre de Curso. Na impossibilidade deste, as funções deverão ser delegadas num qualquer outro elemento da Comissão, sendo da inteira responsabilidade do Mestre todas as acções realizadas por este elemento.

⊙ TALHOS

Candidatura e eleição

A eleição dos elementos desta Comissão deverá, para efeitos práticos, ser realizada antes do término do ano lectivo, em reunião de alunos, sendo aconselhado para tal o mês de Maio. É permitido o acesso a esta Comissão a alunos que não sejam Mestres, desde que juncos/caniças ou superiores, salvaguardando-se a obrigatoriedade de 2/3 dos elementos da Comissão hierarquia igual ou superior a moço/a.

A forma como se devem processar as reuniões será explicada no Canal Regulamentador Da Candidatura e Eleição da Comissão de Faina do Curso.

☉ TALHOS

Arrais e Varinas

“Sabedores entendidos das artes e ofícios de extrair o Sal Académico. O estudante consegue contornar as dificuldades com jogos de cintura!”

Quando um curso não consiga em Reunião de Alunos apresentar à Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado um Mestre do Curso para liderar a Comissão de Faina, será nomeado pela Salgadíssima Trindade um Arrais ou uma Varina para liderar o curso pelas águas tempestuosas da Faina Académica.

MATRÍCULAS: As que prouver à Salgadíssima Trindade e ao Conselho do Salgado.

DIREITOS: Todos os que lhes aprouver mais o de serem invejados.

DEVERES: Zelar pela organização da Comissão de Faina do seu curso sendo faróis em noites de nevoeiro para os olhos dos menos iluminados, trabalhando sempre com o intuito de não deixar que a palavra do Código de Faina e da Salgadíssima Trindade seja desrespeitada. Participar nas Caldeiradas de Mestres sempre que convidados pela Salgadíssima Trindade, podendo usufruir do direito à palavra mas não do direito de voto nestas.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Insígnia

Os elementos desta Comissão exibirão um anzol (de tamanho pequeno e de preferência rombo), que deverá ser colocado na lapela direita do casaco. Após cessarem funções a insígnia transitará para o gabão, sendo colocada na 2ª fila, entre o emblema da Universidade e o da cidade de Aveiro.

☉ CALDEIROS

Conselho do Salgado

DEFINIÇÃO:

O Conselho do Salgado é o órgão moderador e fiscalizador da Faina Académica (Praxe) da Universidade de Aveiro. Constituído por um mínimo de nove e um máximo de treze elementos, eleitos anualmente na Grande Caldeirada de Mestres, sendo a tomada de posse na Serenata à Ria.

É permitido o acesso a este órgão aos alunos não mestres, desde que tenham hierarquia igual ou superior a Moços (as) desde que propostos por um Mestre. Estes últimos podem e devem auto propor-se.

DIREITOS: Todos os elementos do Conselho do Salgado terão os mesmos direitos daqueles que os elegeram, exceptuando o direito de voto em Caldeirada de Mestres para os não Mestres. A academia deve-lhes respeito e obediência, uma vez que foram eleitos para serem a voz da razão nas questões relacionadas com a Academia, o Tertúlio e as Tradições Académicas.

DEVERES: Assento em Caldeirada de Justiça Suprema, onde julgarão a inocência do réu. Caso possua número par de elementos, um Mestre da Assembleia, indicado pela Salgadíssima Trindade, terá a Honra de se juntar ao Conselho do Salgado nesta árdua tarefa. Organizar actividades da faina académica, nomeadamente o grande aluvião, juntamente com a Salgadíssima trindade. Elaborar propostas de actualização da faina académica que serão submetidas a Caldeirada de Mestres. Zelar pelo bom funcionamento da Faina e da arte de bem trajar.

INSÍGNIAS: Os Membros do Conselho do Salgado, enquanto em funções, exibirão na lapela direita do casaco um saco de sal (peso q.b.), simbolizando... Após cessarem funções essa insígnia transitará para o gabão, sendo colocada na segunda fila, entre o emblema da Universidade e o da Cidade de Aveiro.

ORGANIZAÇÃO INTERNA:

Apesar de todos os membros do Conselho do Salgado terem o mesmo estatuto, por uma questão de funcionalidade, o conselho terá:

Um/a Conselheiro/a da Faina – Aquele que se faz ouvir, sabe escutar, dialogar, que garante a democracia e, agora a sério, coordena as reuniões do Conselho do Salgado.

Um/a Conselheiro/a Escrivão – O escravo, membro paciente que não se faz ouvir, só escuta. Não dialoga, só escreve porque não tem tempo para mais.

Um/a Conselheiro/a Financeiro – O guardião do cofre sem fundo e sem dinheiro, apresenta as contas e está habituado a somar o número zero.

Deve ainda prever-se a criação de comissões que terão a função de estudar e trabalhar sobre assuntos específicos.

FUNCIONAMENTO DAS REUNIÕES

É necessária a presença mínima de 2/3 dos seus elementos e as deliberações serão tomadas por maioria e de braço no ar. No caso de exoneração de algum elemento do Conselho do Salgado é necessária a maioria de 2/3 e o voto será secreto.

COMPETÊNCIAS:

Aos elementos do Conselho do Salgado cabe o assento na caldeirada de justiça suprema, onde julgarão a inocência ou culpabilidade do réu. Um porta-voz eleito no momento, entre os elementos deste Conselho, comunicará à Salgadíssima Trindade o veredicto e estes atribuirão a pena.

No caso de o Conselho do Salgado ter um número par de elementos, a Salgadíssima Trindade indicará um Mestre da assembleia, que terá a honra de se juntar ao Conselho do Salgado nesta árdua tarefa. Caberá ao Conselho do Salgado a tarefa de organizar o Grande Aluvião, contando para isso com um Mestre por curso que trabalhará com uma comissão reunida para o efeito. Qualquer assunto (queixa) susceptível de ser levada a Caldeirada de Mestres, ou Caldeirada de Justiça Suprema deverá ser comunicado ao Conselho do Salgado, que em conjunto com a Salgadíssima Trindade decidirá o rumo a dar a essa queixa. O Conselho do Salgado, como órgão mais atento ao desenrolar da Faina Académica, deverá, sempre que achar necessário, elaborar propostas de actualização ao código de Faina que serão sempre submetidas a Caldeirada de Mestres. Cabe a todos e sobretudo aos Mestres, dada a sua experiência no Salgado, zelar pelo bom funcionamento da Faina bem como pelo bem trajar, sendo no entanto o Conselho do Salgado o órgão eleito para moderar e fiscalizar a Faina e bom uso do Tertúlio.

☉ **CALDEIROS**

Salgadíssima Trindade

DEFINIÇÃO:

A Salgadíssima Trindade é o órgão máximo da Faina Académica ou Nem Tudo o que vem à Rede é Praxe. Os constituintes deste esbelto e salgado órgão, serão escolhidos de entre os Mestres da Academia na Grande Caldeirada de Eleição pelo perfil erecto, recto e de destaque na Faina Académica após o reconhecimento por do seu percurso.

MESTRE DO SALGADO – É a entidade Máxima da Faina nesta Academia. Este deve ser escolhido com o mais salutar espírito académico, e ser possuidor das mais elevadas qualidades boémias, sócio-culturais e outras.

DIREITOS: A tudo,... A sua palavra é lei!

DEVERES: Ele lá deve saber quais são.

INSÍGNIAS: Uma Pá do sal (grande).

MESTRE PESCADOR – Auxiliar directo do Mestre do Salgado, coadjuvará ou substituirá este, sempre que necessário.

DIREITOS: A tudo, também a sua palavra é deliberação.

DEVERES: O Mestre do Salgado sabe quais são.

INSÍGNIAS: Um lenço tabaqueiro, preso ao pescoço por uma caixa de fósforos.

MESTRE ESCRIVÃO – É o Guardião Supremo do Rol das Caldeiradas ou por miúdos O Magnífico Livro de Registro De Ocorrências Ordinárias & Extraordinárias das Divinas, Deslumbrantes, Éticas, Gastronómicas e Magníficas Caldeiradas de Mestres.

DIREITOS: Ele é que os regista.

DEVERES: Os mais chatos ele esquece-se de os registar.

INSÍGNIAS: O Rol de Caldeiradas.

Após cessarem funções as insígnias (em tamanho reduzido) transitarão para o gabão, sendo colocadas na segunda fila, entre o emblema da Universidade e o da Cidade de Aveiro.



Figura 3 - Hierarquia da Faina Académica

Apenas os Mestres da Salgadíssima Trindade poderão ultrapassar toda e qualquer protecção, podendo no entanto delegar este poder, através de Edital de Faina ao Conselho do Salgado e/ou a outros Mestres de sua confiança.

☉ CALDEIROS

Conselho de Cagaréus

Desde tempos imemoriais, os saberes e ensinamentos da Faina Académica são adquiridos e transmitidos verbalmente dos mais velhos para os mais novos.

Chegamos, aprendemos, vivemos e sentimos todos esses conhecimentos. É tradição, e é um legado que queremos deixar para a posteridade. Posto isto a Salgadíssima Trindade, na sua sapiência, decidiu criar uma entidade consultiva composta por elementos da Faina Académica (matriculados ou não) que se tenham destacado durante o seu percurso no salgado académico em relação aos outros devido a um bom trabalho efectuado na faina, contribuindo deste modo, com ensinamentos e experiência.

Será então emitido este estatuto pela Salgadíssima Trindade que posteriormente levará à aprovação académica em Caldeirada De Mestres, podendo a S. T. ser auxiliada nesta função apenas pelo Conselho do Salgado e pelos elementos já pertencentes ao Conselho de Cagaréus.

DIREITOS: Usar do poder da palavra e assistir às votações em Caldeirada De Mestres e assim sendo verificar com gládio como são aceites os seus ensinamentos. Ter plenos poderes na Faina Académica enquanto acompanhado por Tertúlia composta por elementos do C. S. e S. T.

DEVERES: Transmitir ensinamentos e aconselhar os mestres da academia, para que possam continuar o seu bom contributo, desta vez de forma indirecta, mas sempre reconhecida Assistir a Salgadíssima Trindade relembrando a tradição para que esta nunca se perca.

INSÍGNIAS: Faixa verde, da cor da Academia, atada à cintura descaindo do lado esquerdo até à altura do joelho. Bordado na ponta do pêndulo, a preto, a insígnia da Faina Académica e por baixo o nome pelo qual o Cagaréu é reconhecido na academia.

ADMISSÃO DE NOVOS ELEMENTOS:

Anualmente só poderão ser adicionados no Conselho de Cagaréus um número máximo de três novos elementos. A S.T. deverá consultar os elementos possíveis do Conselho de Cagaréus sobre a admissão de um novo elemento.

Tendo noção que este estatuto deve ser usado e não abusado, as seguintes restrições são estabelecidas:

A revogação do estatuto é decidida pela S.T em conjunto (se possível) com o Conselho de Cagaréus e votada em CALDEIRADA DE MESTRES.

Não poderá ser imposto a elementos do C. S. e S. T. em função; a alguém que tenha sido condenado em caldeirada de justiça suprema ou tenha feito algo que vá contra o Código de Faina.

Poderá ser usada a proibição de atribuição do estatuto como castigo de JUSTIÇA SUMÁRIA ACADÉMICA OU CALDEIRADA DE JUSTIÇA SUPREMA, quando aplicada pela S. T., quer seja temporária quer perenemente.

Nos mesmos moldes em que este estatuto é imposto, ele poderá ser revogado.

▣ SALINA II

◎ VIVEIRO

As artes, aparelhos e palamenta do bem trajar

O traje é um suporte, um reviver de tradições, de usos e costumes Académicos e Aveirenses. Assim, não será de estranhar que se tente fazer uma articulação entre estes dois pilares fundamentais da (sobre) vivência académica. O traje está assente numa base etnográfica sólida. Juntando elementos representativos de algumas das principais indumentárias regionais e aliando a estes um conforto e sentido prático necessários aos nossos dias, deu-se corpo ao que hoje se intitula de “Tertúlio”. Parte das gentes que frequentam esta instituição, não sendo endémicos, têm de obrigatoriamente se integrar o melhor possível numa região que é muitas vezes alheia às necessidades de cada um de nós. Uma boa articulação entre a academia e a cidade de Aveiro passa sem sombras de dúvidas pelo conhecimento dos costumes da região. Uma Faina que valorize esta faceta da sociedade que integramos, vem contribuir para um enriquecimento cultural e humano, de todos que desta perspectiva comungam, além de posteriormente haver uma ligação forte e mais duradoira com esta cidade, depois das nossas Safras por aqui terem terminado. É fundamental, por estes motivos, que a Faina possua um enquadramento regional forte e digno da riqueza etnográfica desta região.

◎ ALGIBÉS

Fundamentos etnográficos do Tertúlio

Ao Tertúlio estão associados elementos etnográficos importantes da indumentária regional. Assim, quer o Tertúlio masculino quer o feminino possui notas explicativas relativas às peças que maior significado possuem.

Quanto à cor do Tertúlio, refere-se o facto de que o preto está intimamente associada ao movimento estudantil, enquanto o bordado em volta do casaco e do colete servem de identificação desta Academia.



Figura 4 - “O Moço dos Ramos”
envergando um gabão

O colete feminino possui corte arredondado (decote) e desenha um antigo efeito, hoje apenas observável nos trajes usados por grupos folclóricos da região, criado pelos diversos fios de ouro quando pendurados ao peito das mulheres. O uso destes fios de ouro era vulgar sobretudo nas mulheres de famílias mais abastadas. O colete, hoje, é todo preto com uma riscas verde escura a delinear o decote e tem dois botões em par com o símbolo da Universidade de Aveiro, antes da linha verde e mais quatro após a linha. A parte de trás do colete é feita de cetim preto e tem duas fitas pretas que começam na parte de tecido e unem-se num nó/laço.

O cordão, era antigamente usado pelas varinas para prender as saias quando do puxar de redes de arte xávega para terra.

Os lenços, usados por grande parte das mulheres da região, independentemente da sua classe social, pois estes apenas a reflectiam, eram usualmente de grandes dimensões e encontram-se hoje no Tertúlio académico feminino numa forma mais reduzida, facilitando o seu uso.

O laço é de um tecido mais leve que o colete (não é de cetim), não tem volume e do lado direito encontra-se bordado o símbolo que a todos nos une.

O Gabão, este traje de uso comum podia ser usado como vestimenta de trabalho (castanho) ou como traje domingueiro, este último de cor preta. É de salientar a importância que este traje teve na história de Portugal, sendo mesmo responsável pelo nome de um país africano (Gabão). O gabão tanto se encontra no Tertúlio masculino como no feminino sem nenhum tipo de alteração. O comprimento deste quando envergado correctamente nos ombros deve ser aproximadamente a um palmo do chão, medido descalço.

Amigos, a gravata é fundamental! Esta cidade sempre acarinhou e desenvolveu a indústria ligada a esse nosso e fiel amigo, “O Bacalhau”. Depois de exaustivos e prolongados estudos no Museu Marítimo de Ílhavo (Aconselhamos desde já a sua visita.) sobre esta espécie, o seu “modus vivendi”, a sua captura, cura e salgação, criou-se ao terceiro dia a “Gravata Bacalhadeira de Aveiro”. Esta academia não traja com gravata, mas sim, presta a justa homenagem à espécie em causa e aos homens que há séculos para a Terra Nova se dirigiram, erguendo grandes e valiosos esforços para a sua captura.



Figura 5 - Trajes Regionais de Aveiro

O tecido desta é negro, significando as tormentas por que passaram os avós desses homens que ainda hoje se dedicam a esta actividade. E, obviamente, ao nosso mui nobre e fiel amigo. Nela se encontra também bordado o símbolo que a todos nos une (na vertical e no meio da gravata).

Uma pasta académica preta com um Cordão de pesca tingido de verde, que representa o mastro dos mui belos moliceiros. Como qualquer moliceiro só se encontrará completo para navegar quando possuir uma vela que só poderá ser colocada no ano de finalista, pois só aí se atinge o saber que permite abraçar os canais do conhecimento.

☉ CALDEIROS

Não vamos menosprezar

As outras peças que constituem o Tertúlio académico são de indubitável necessidade, não tendo um significado especial quanto ao enquadramento etnográfico. São elas respectivamente; a camisa, a saia e calça, o casaco, os sapatos, as meias, os botões e o colete masculino.

A irreverência estudantil teve também o seu lugar, como não poderia deixar de ser. Assim, surgem outras peças como o “soutien”/corpete e as cuecas masculinas. A primeira, de grande importância, revela uma medida de personalidade, ou parte dela, por parte de quem o utiliza, além de perfumar e enaltecer a majestosa figura da Académica Donzela Aveirense. As cuecas / boxers devem ser brancas (imaculadas), com o símbolo da U.A. estampado em padrão na cor verde (cor da academia), ou na cor preta. Devem ser relativamente laças, permitindo assim um bom arejamento da área em questão. Alerta-se também, que o mau uso ou uso inadequado (apertadas) deste tipo de peça leva à perda parcial e mesmo total de potência. **Os botões de ambos os Tertúlios devem possuir o símbolo da Universidade de Aveiro.**

Em resumo, deve referir-se que:

NO TERTÚLIO FEMININO:

A **camisa** é de algodão, branca sem botões no colarinho, com 3 botões em cada punho, 1 botão falso (i.e. sem casa) na parte detrás do colarinho e os botões são todos brancos;

A **saia** preta, de lã e trevira e de cintura alta, deve estar a cerca de três dedos acima do joelho (deve ser comprovada esta medida sempre que possível) com a racha (da saia) atrás (cerca de 6-7 cm.);

O **casaco** é preto, do mesmo tecido da saia e colete, sem botões no pulso. Tem quatro botões grandes com o símbolo da UA na parte da frente e um bolso de casa lado do casaco fechados e redondos. Em ambas as extremidades do mesmo há uma risca verde escura (não continua em baixo, termina no final em altura);

O **colete** feminino possui corte arredondado (decote), é todo preto com uma risca verde escura a delinear o decote e tem dois botões em par com o símbolo da Universidade de Aveiro, antes da linha verde e mais quatro após a linha. A parte de trás do colete é feita de cetim preto e tem duas fitas pretas que começam na parte de tecido e unem-se num nó/laço;

O **laço** é de um tecido mais leve que o colete (não é de cetim), não tem volume e do lado direito encontra-se bordado o símbolo que a todos nos une;

Os **sapatos** são todos pretos, com um salto de cunha, com um mínimo de 3 cm e um máximo 5 cm de altura, sem atacadores, sem fivelas e fechados (sapato clássico);

As **meias** (de vidro, tipo “collants”) são de cor pretas.

NO TERTÚLIO MASCULINO:

A **camisa** é também de algodão, branca, sem botões no colarinho, com um botão branco em cada punho;

As **calças** são de lã e trevira, pretas, com 4 pinças na parte da frente e duas de cada lado da braguilha. Têm um bolso aberto de cada lado das calças e um na parte de trás com botão. Para além disso têm presilhas para colocação de cinto, também ele preto, dois botões para apertar, um tapado pelo tecido, outro que se vê e têm dobra no final;

O **casaco** é preto com um bolso de cada lado, e um pequeno no lado esquerdo em cima. Por dentro, possui três bolsos: um bolso de cada lado do casaco com botão a fechar (tipo o exterior da calça) e um mais pequeno do lado esquerdo localizado mais abaixo. Na parte de fora tem três botões grandes com o símbolo da UA localizados do lado direito e, como o casaco feminino, tem também uma risca verde escura em ambos os lados, que começa na lapela e termina em baixo, um pouco mais para dentro;

O **colete** masculino é preto, com 4 botões com o símbolo da UA (mais pequenos que os do casaco), a parte de trás é de cetim preto, liso e tem duas fitas do mesmo tecido que partem da costura lateral do colete e se unem com uma fivela preta. Tem dois bolsos fechados de cada lado e duas riscas na vertical, em verde-escuro, que vão do princípio até ao fim do tecido a direito;

A **gravata** é de tecido preto e nela se encontra também bordado o símbolo que a todos nos une (na vertical e no meio da gravata); Os sapatos são todos pretos, sem fivelas e fechados (sapato clássico, nunca sapatilhas nem derivados), com atacadores pretos;

As **meias** são de cor pretas.

A *pasta académica* que acompanha o Tertúlio deverá ser completamente preta tendo a meio um cordão de pesca tingido de verde que a abraça totalmente sendo unido na extremidade por uma aplicação com o símbolo da Universidade. O uso da pasta não é obrigatório. No entanto, no caso de transporte de acessórios Académicos (livros, calculadoras, etc.), o seu uso é obrigatório quando trajado!

A pasta será complementada no ano de finalista com uma vela feita de lençol branco que obedecerá ao formato de vela de moliceiro, não excedendo os limites da pasta. Esta vela encontrar-se-á presa ao cordão no interior da pasta e não deverá ser visível com a pasta fechada. **Atenção!!! As velas utilizam-se na pasta e não nos sapatos!!!**

É de referir que em caso de dúvida quanto ao número de peças, seu corte, e mesmo quanto à constituição do Tertúlio, existe na A.A.U.Av. um exemplar deste que retirará todas as dúvidas, mesmo aos mais salgados cépticos.

☐ SALINA III

“Traje académico”

☉ VIVEIRO

Como bem trajar

O Tertúlio estará bem envergado quando todos os botões que o compõem estiverem abotoados, (excepção feita ao gabão), quando em pé as calças estiverem a tocar nos sapatos, não se vendo as meias, no caso das raparigas, os sapatos deverão ser de cunha e os seus saltos não ultrapassarão os 5 centímetros.

A gravata/laço e os sapatos devem estar apertados.

O gabão deverá estar dobrado três vezes da direita para a esquerda, (o sentido do movimento é para a pessoa) com o seu interior virado para fora (armas e emblemas à vista), e pousado sobre o **ombro esquerdo** com o capuz para o lado das costas (e correctamente agasalhado dentro das dobras do gabão), poderá também, estar pousado sobre ombros devidamente apertado junto ao pescoço (preso com um colchete preto).

Quando trajado o gabão não poderá ficar em casa, carro, etc. ... O gabão é pessoal e intransmissível! Este tem de permanecer imaculado (sem rasgos ou atentados à sua dignidade), desde a sua aquisição até ao abandono desta Academia.

Todo e qualquer desrespeito ao mesmo são puníveis com presença em Caldeirada de Justiça Suprema.

Não devem ser usados quaisquer adornos extra Tertúlio, citando como exemplos, brincos e piercings psicadélicos, maquilhagem susceptível de causar cegueira (batons, sombras, etc. ...), elásticos ou fitas para o cabelo fluorescentes, luvas, guarda-chuva, bengalas, pistolas, televisões, patins, “antenas”, carteiras, cabeleiras, tacos, máscaras, quadros, capacetes, objectos contundentes, sendo tolerados e mesmo aconselhados, óculos escuros (devido à luminosidade muito própria desta cidade), relógio para se poder respeitar o quarto de hora académico, garrações, “borrachas”, leitões, sacos de sal, mariscos diversos e por último ovos-moles.



Figura 6 - Foto de Pessoas Trajadas

De forma a evitar que o colete do nosso Tertúlio deixe de servir às belas raparigas que populam a nossa Academia aconselhamos vivamente o porte de um ou mais preservativos, em número inferior à vintena, a acompanhar o Tertúlio. Entenda-se que, embora não estando definitivamente proibidos alguns adornos e adereços, apela-se aos mais vaidosos a sobriedade da simplicidade e descrição. Todas as formalidades relativas ao uso do Tertúlio deverão ser levadas em consideração, especialmente em questões relativas à representação desta academia.

É de lembrar que existe uma relação directa entre o momento solene e o saber estar à altura, tal como a famosa relação “enguias-caldeirada”. O senso comum deverá ser consultado com urgência em certos e determinados casos de (in)decisão.

Caso subsistam dúvidas após este momento de solene reflexão, aconselhamos aos nossos ilustrísimos colegas do Salgado Académico Aveirense a consulta a membros mais experientes e conhecedores sobre o modo de uso do Magnífico Tertúlio.

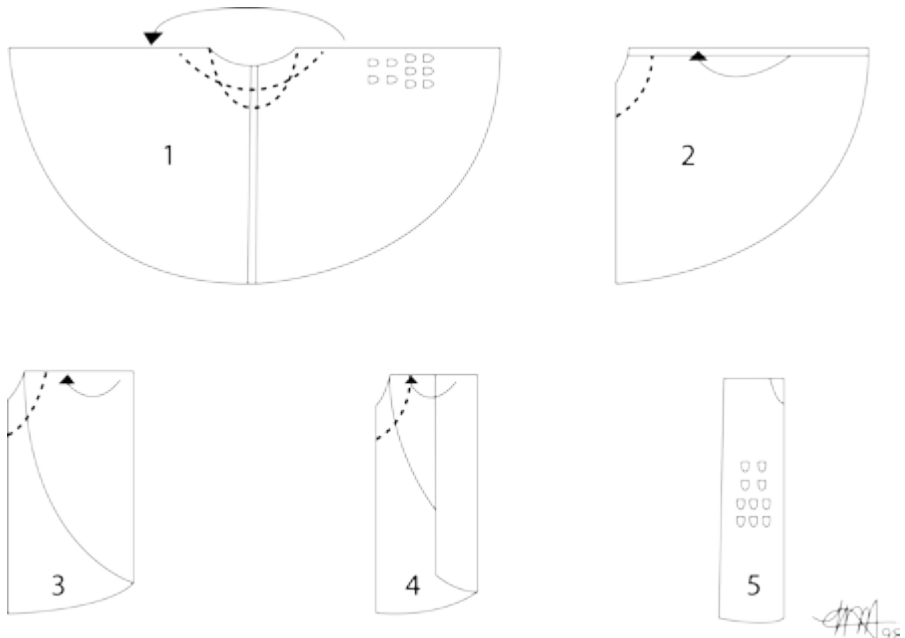


Figura 7 - Como se dobra o Gabão

O gabão deverá ser dobrado três vezes da direita para a esquerda, (o sentido do movimento é para a pessoa) com o seu interior virado para fora (armas e emblemas à vista), e pousado sobre o ombro esquerdo com o capuz para o lado das costas, este deve estar correctamente agasalhado dentro das dobras do gabão (não deve estar visível quando o gabão se encontrar dobrado). O gabão poderá também estar pousado sobre ombros devidamente apertado junto ao pescoço.

☉ ALGIBÉS

Exceções

☉ CALDEIROS

Lutos

O máximo respeito deve ser reservado aos que por esta tragédia são atingidos, como sinal de luto um tecido negro deverá cobrir as insígnias que se encontram na lapela, simbolizando desta forma o afastamento físico da(s) pessoa(s) em causa. Outra razão, é porque na dor todos os membros desta academia são iguais e solidários.

Todas as praxes serão suspensas, por razões óbvias, em momentos de luto, representações, homenagens póstumas e em momentos solenes e formais.

É também previsto que nenhum emblema ou “pin” poderá ser visível em circunstância alguma durante o uso do Tertúlio nestas condições. Assim, se a parte metálica de algum “pin”, ou linha de “cosedura” de um emblema estiver nestas condições deverá ser retirado.

O gabão, quando dobrado deve agasalhar o capuz e tapar os emblemas, sendo este envergado sobre o ombro direito. Esta será a única situação em que o gabão pode ser transportado sobre aquele ombro.

☉ CALDEIROS

Núcleos, Tunas e outros Movimentos Associativos.

Estes merecem uma atenção especial devido ao trabalho desenvolvido e por isso de algum modo deve ser reconhecido pelos colegas do Salgado Académico.

É permitido o uso de uma insígnia na lapela do casaco além das respectivas identificações do grau de desenvolvimento e maturação académica. Apenas os Mestres terão a possibilidade de usar mais que uma insígnia na lapela do casaco.

Quando o traje de um grupo associativo o exigir, poderão ser usadas peças extra traje, desde que previamente aprovadas em Caldeirada de Mestres. Salvaguarda-se à Tuna Universitário de Aveiro direito do uso do gabão do lado direito e os “pins” do lado esquerdo. Salvaguarda-se ainda o direito exclusivo da “praxe” aos elementos das tunas relativamente aos seus Lodos ou Lamas quando de actividades com elas relacionadas de forma a respeitar os códigos de praxe internos de cada tuna, salvaguardando o respeito por este regulamento e a magna intervenção da Salgadíssima Trindade. As insígnias dos Núcleos da A.A.U.Av. devem ser atribuídas aos elementos que sejam considerados dignos de transportar tal insígnia, por serviços prestados, ou por terem contribuído de forma inequívoca para o avolumar do prestígio e fama destes. Cabe à direcção dos núcleos esta responsabilidade.

☉ CALDEIROS

Cartas de marear

Entende-se que dentro das nossas igualdades, todos somos diferentes. Visto isto, o MESTRE DO SALGADO pode, na sua sapiência, emitir uma carta de marear ao indivíduo que necessite de uma excepção às regras de bem trajar por necessidade médica.

Esta isenção, que é pessoal e intransmissível, deve ser pedida por escrito ao C. S. e S. T., juntamente com documentos médicos e oficiais que justifiquem a sua necessidade. Após este pedido a S. T., nomeadamente o MESTRE DO SALGADO, após reunião com o C. S. decidirão a maneira mais adequada dentro do espírito do bem trajar e, se será ou não emitida a carta de marear temporária ou perenemente.

Será então entregue ao indivíduo um documento no formato A4 e uma cópia deste em formato A7 (passaporte) assinados pelo requerente e pelo digníssimo MESTRE DO SALGADO onde será indicada a forma correcta de trajar adequada ao caso específico, estando então o requerente sempre que trajar obrigado a ter em seu poder o formato passaporte da carta de marear e resguardando o formato A4 para que na eventualidade de extravio do formato portátil seja lesto o seu processo de re-emissão.

Posteriormente serão anunciadas as cartas de marear emitidas entre cada CALDEIRADA DE MESTRES para conhecimento geral. Sempre que se verifique mau uso de uma carta de marear, faltosos os envolvidos terão como penalização máxima uma caldeirada de justiça suprema e tudo o que daí possa advir.

▣ SALINA IV

⦿ VIVEIRO

Imposição e mérito de insígnias

Se pensarem que esta salina se vai debruçar em questões de disputas pelo poiso, elitismos ou cenas extraconjugais... estão enganados. Se desesperas, se procuras desenfreadamente a insígnia, como se estivesses em frente daquelas caixas azuis com quatro moedas na mão após uma conversa frutífera... control(a-te). Se foste fazer um safari fotográfico, e conseguiste caçar o inalcançável grifo trazendo-o, como troféu e exibindo-o no teu cinto de pele perante a academia...ganha juízo.

A insígnia não é um prémio relativo à tua pretensa superioridade mas sim um símbolo de dignidade e responsabilidade para com todos e, acima de tudo, para com a Academia. Ser portador de insígnia(s) é o carregar de experiências adquiridas, de sapiência, de loucura, de participação académica, etc. ... Fica pois à responsabilidade de cada um, envergar as insígnias que são justa e merecidamente conquistadas.

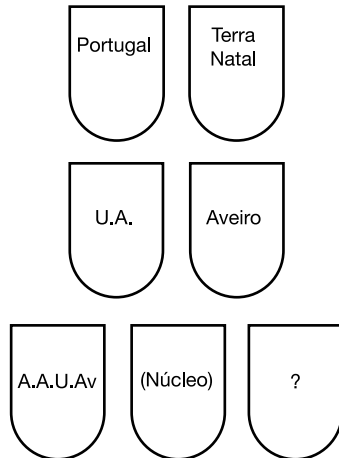
A aquisição de insígnias a metro ou ao quilo constitui grave ofensa à Faina Académica. Incurrendo a penalizações a definir pelo Mestre do Salgado, Caldeirada de Mestres, ou por outras pessoas com poderes delegados pelos anteriores.

⦿ ALGIBÉS

O gabão

As insígnias do gabão ficam sujeitas à seguinte ordem:

- Emblema de Portugal
- Emblema da Terra Natal / Cidade Residente
- Emblema da Universidade de Aveiro
- Emblema da Cidade que nos Acolhe
- Emblema da A.A.U.Av.
- No caso do uso de emblemas de Núcleos da Associação, estes deverão ser colocados em sexto lugar.



Handwritten signature

Todas as insígnias têm que ser cosidas em linha preta na parte interior do gabão, do lado esquerdo, do meio para baixo e da direita para a esquerda.

As insígnias obrigatórias serão colocadas duas a duas perfazendo as duas primeiras linhas. Nas restantes linhas as insígnias serão colocadas três a três, não havendo restrições em termos de paridade (ser em número par ou ímpar).

☉ ALGIBÉS

Os nós

Quando as Lamas e os Lodos chegam à nossa academia, tal como está descrito na Salina introdutória, estes não têm direito a usar qualquer tipo de insígnia (nem Tertúlio). Isto porque, e após 175.200,3 horas de estudos estatísticos de destreza motriz e mental, não se conseguiu que estes executassem um simples e banal nó de azelha. Aliás, vários incidentes se deram, tornando esta tarefa inviável e o conseqüente apelo à razão de que se tentava o impossível.

Poderão eventualmente, para não se sentirem marginalizados e no caso de terem a sorte de ser adquiridos por um Patrão(oa), usarem uma atadura (nó de azelha). Esta apenas pode ser oferecida pelos patrões após a abertura oficial, dada pelo Mestre do Salgado, da Dragagem do Salgado Académico.

Após a Semana do Enterro, sendo já Moliço, aconselha-se, para os não cardíacos e sensíveis ao colesterol o uso do Tertúlio – Símbolo Máximo desta Academia. No entanto, todo o Tertúlio deve-se manter virgem e imaculado (sem emblemas ou insígnias), com o “pin” da nossa Universidade, na lapela esquerda, demonstrando assim o orgulho de ser membro da nossa Faina Académica.

O Junco e a Caniça terão como insígnia o nó de Coxim Redondo de cor verde. Cor esta que simboliza, por um lado, a cor do Junco, por outro, representa a imaturidade ainda sentida pelo segundo-anista. Com o decorrer do ano, estes vão crescendo, precisando de fazer a barba mais vezes e colocando no lixo o “clear stick”.

Chega o terceiro ano, estes tornam-se Moços(as) e já podem, assim, colocar ao lado do seu nó verde inicial, um outro nó. Com efeito, o Moço(a) tem agora a honra de ser possuidor(a) de dois nós de Coxim: o primeiro, de cor verde e o segundo de cor castanha.

Este acumular não pára aqui. Na passagem destes para Marnoto ou Salineira, no quarto ano, este digno terceiro nó, transforma-se em branco cru (símbolo da paz), enfatizando, mais uma vez, o sal – ex-líbris da cidade - e atenção! A todos os que não defenderem as cores das suas insígnias: o algodão não engana!!!

Quando, por fim, se atinge o venerável estatuto de **Mestre**, coloca-se, por cima das entretanto alcançadas insígnias, uma fina rede de pesca verde. Rede esta que simboliza o momento de espera no Salgado Académico de Aveiro, o largar das amarras da Academia fica para mais tarde. A rede irá situar-se por inteiro na lapela do casado, seguindo os contornos da mesma, cosida nos três vértices desta com linha preta. O Mestre Académico, dedicado e exemplar, não possuindo Safras suficientes, guarda as Safras já conseguidas sob uma cobertura protectora contra as intempéries.

Falta, por último, notar que estes nós deverão estar na lapela direita do traje académico, **colocados da direita para a esquerda e de baixo para cima, o nó de azelha irá situar-se na extremidade inferior da lapela tendo acima os nós de coxim redondo par a par consoante o número de matrículas.**

Todos estes nós serão fixos com pequenos alfinetes.

Demonstrando, assim, os anos de matrícula e as saudáveis participações nas Fainas Académicas. A lapela direita do traje fica assim reservada em exclusivo para as insígnias da faina académica.

As que conseguem finalizar o curso dá-se o direito de usar o magnífico Tertúlio, para assim poderem recordar e suspirar de saudade pelos anos vividos na Universidade e no Salgado Académico. Assim é obrigatório acrescentar uma rede branca que ocupe a lapela direita do casaco. No caso de já se ter atingido o venerável estatuto de Mestre, esta irá sobrepor a rede verde identificativa desse mesmo estatuto. Aqueles que milagrosamente conseguem finalizar o seu curso sem atingir o estatuto de mestre, deverão colocar apenas uma rede branca.



Figura 9 - Nós utilizados

Executa-se como se fosse uma Laçada dada no seio dum cabo.

Obtêm-se planificando as Pinhas de Anel. As suas características são portanto as das Pinhas de Anel de que derivam (ver “Arte de Marinheiro”, Cap. X). Consideramos um Pinha de Anel; depois de planificada, esta Pinha apresentará o aspecto à esquerda; todavia os Coxins são normalmente cobertos a 2, 3 ou mesmo mais, a fim de se obter maior consistência e melhor efeito decorativo.

O Cxim representado à esquerda pode cobrir-se por exemplo a 2, seguindo o chicote b paralelamente ao cordão que tem início no chicote a (seta S da figura à esquerda). Assim se chegará à Figura na página seguinte.

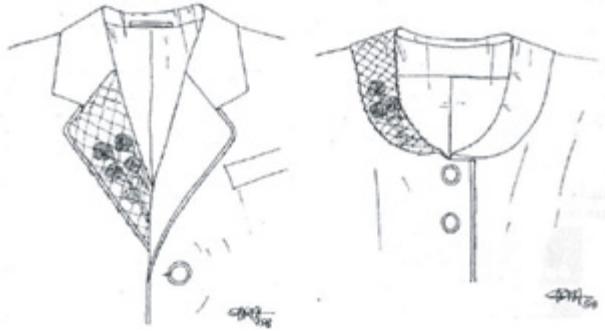


Figura 10 - Disposição dos Nós na Lapela do Casaco

O Nó de Azelha deverá ser colocado em primeiro lugar verticalmente na parte inferior da lapela direita.

Em suma:

CURSOS (Licenciaturas, Mestrados Integrados e Mestrados Opcionais)

Moliços e Moliças: Nó de Azelha, cor de curso - 1ª matrícula (após a abertura oficial, dada pelo Mestre do Salgado, da Dragagem do Salgado Académico)

Juncos e Caniças: Nó de Coxim Redondo, verde - 2ª matrícula

Moços e Moças: Nó de Coxim Redondo, castanho - 3ª matrícula

Marnotos / Salineiras: Nó de Coxim Redondo, branco cru - 4ª matrícula (No caso da ESAN e da ESTGA o nó branco é colocado na 3ª matrícula)

Mestres: Rede de pescador a sobrepor todas as insígnias, de cor verde – a partir da 5ª matrícula. (No caso da ESAN e da ESTGA na 4ª matrícula)

Em tudo isto é necessário não esquecer que todas estas insígnias, cujas pontas terão 1,5 centímetros, serão falçadas e unidas com linha da cor do nó quando o respectivo ano estiver concluído na sua totalidade. Todos os nós são acumulados e dispostos no Tértúlio em conformidade com o descrito e demonstrado na Figura 10.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Os nossos Cursos... os nossos Núcleos...

E porque nem só de pão vive o Homem, também no Salgado de Aveiro, as actividades extra-curriculares imperam. Assim, e para que estas sejam justamente reconhecidas, torna-se necessário contemplar os Núcleos da A.A.U.Av.

As insígnias respeitantes aos núcleos terão de ser aprovadas em Caldeirada de Mestres e a respectiva imposição deverá ser feita na Cerimónia anual de imposição de insígnias, Serenata a Santa Joana Princesa, a título simbólico, e a transmissão dentro dos corpos gerentes dos núcleos estará a cargo do responsável pelo mesmo.

▣ SALINA V

⊙ VIVEIRO

Linhas e Anzóis de bem praxar

Feita que está a hierarquia entre os membros desta laboriosa academia, é necessário estabelecer linhas mestras e directrizes que assegurem um ambiente de cordialidade, de sã convivência e, acima de tudo, respeito – sim, porque o respeitinho é muito lindo e –indispensável para o sucesso das inúmeras tertúlias, boémias e fainas. Cabe aos mais velhos ensinar e orientar os mais verdes e Moços nas difíceis artes e manhas da Faina. Cumpre aos mais verdes e Moços demonstrar gratidão e respeito aos mais velhos e com especial reverência ao Mestre do Salgado e Mestres, por tais ensinamentos e atenções de que são objecto. Às Lamas e Lodos recém-chegados, desejam-se ricos em nutrientes, cheios de potencialidades e isentos de maus cheiros, espera-se que causem o menor incómodo enquanto aguardam pacientemente a sua transformação de elementos dos recintos académicos em membros desta academia. Seguindo esta linha de pensamento, é necessário encaminhar os Lodos e Lamas recém-chegados e sedentos de conhecimento.

⊙ ALGIBÉS

Quem pode praxar no Salgado Académico de Aveiro

Na ria e no mar, só os profissionais habilitados e experientes, ou os armadores autorizados, se podem entregar às artes e ofícios da pesca e da navegação, incorrendo em grandes penalizações se o fizerem sem as devidas licenças.

No Salgado Académico de Aveiro, as artes & prazeres de praxar Lodos e Lamas, ou outros, estão apenas abertas aos membros mais velhos que Moços. Porquê?... Este trabalho, ao contrário do que se pensa, exige muito saber, experiência e muita, muita criatividade... Caros, conseguem imaginar Moliços, Juncos e Caniças com tais capacidades?

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

Para exercerem o direito de Faina é obrigatório que se constitua uma tertúlia, ou seja, pelo menos 5 elementos Moços(as) ou de hierarquia superior.

EXCEPÇÃO DE FAINA:

Os Juncos ou as Caniças só podem “praxar” se fizerem parte da Comissão de Faina (C. F.). Estes só poderão fazer parte da C. F. caso os lugares não forem ocupados por elementos com maior permanência no Salgado Aveirense.

Os restantes só poderão exercer direitos de Faina se estiverem reunidas todas as seguintes condições:

Estiver a decorrer uma Faina organizada pela Comissão de Faina do seu curso.

Cada Junco ou Caniça pode apenas praxar um quinto (1/5) de lodo ou lama.

Cada grupo de cinco (5) Juncos e/ou Caniças só poderão praxar um lodo ou lama indicado pela Comissão de Faina.

Se a maioria do grupo for Juncos só poderão praxar um lodo, e se a maioria for Caniças só poderão praxar uma lama.

A Faina só pode decorrer na presença e com a autorização da Comissão de Faina.

Os outros Juncos e Caniças só poderão exercer este direito se a Comissão de Faina autorizar pois a mesma será responsável pelos actos dos Juncos ou Caniças.

⊙ **CALDEIROS**

Direitos e deveres dos Patrões e Patroas...

Vista do céu a nossa ria é uma manta de retalhos unidos por esteiros e canais. Estes, sob a forma de salinas, ilhas, ilhéus ou arrozais, foram e são propriedade privada muito desejada pelas gentes locais, pois são bem conhecidas as suas qualidades para a agricultura, piscicultura, salinicultura e produção pecuária.

No SALGADO ACADÉMICO os ilustres membros mais velhos do que Moço(a), podem também desfrutar do direito de possuírem uma porção de terra, leia-se Lodo e Lama, passando a acumular o título de Patrão ou Patroa de um recém-chegado à academia.

DIREITOS DOS PATRÕES E PATROAS:

Os Patrões ou Patroas têm direito a ter um número de Lodos ou Lamas, por ano, igual ao número de matrículas.

Esses Lodos ou Lamas não se podem recusar a ser “praxados” mas, no entanto, o seu patrão / patroa, estando presente, poderá não autorizar a Faina.

Têm direito à Indemnização Académica, quando os seus Lodos e Lamas sejam praxados por outros sem a devida autorização ou convite.

DEVERES DOS PATRÕES E PATROAS:

Impedir, caso assim o entenda, que qualquer pessoa “praxe”, polua, roube, coma, exporte, expluda, faça cosméticos com os Lodos e Lamas entregues à sua responsabilidade.

No caso de abuso de Faina de outrém nos seus Lodos e Lamas, terá que cobrar a indemnização académica ao abusador.

Esta indemnização é estipulada caso a caso, pelo Patrão ou Patroa, e em casos mais graves pelo Mestre do Salgado Académico devidamente acompanhado pelos MESTRES PESCADOR e ESCRIVÃO ou CALDEIRADA DE MESTRES.

Instruir, recuperar, tratar, reciclar e orientar os Lodos e Lamas para a vida académica.

Qualquer Patrão ou Patroa até ao nível hierárquico de Marnoto ou Salineira perde o seu direito de protecção perante o nível hierárquico de Mestre.

Entendemos que o papel (higiénico) dos Patrões e das Patroas é vital para a integração dos Lodos e Lamas, bem como para a descoberta do novo meio em que se encontram. A fim de incentivar e favorecer esta função e responsabilidade dos Patrões, é interdito qualquer laço de parentesco prévio entre estes e os Aluviões.

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

Porque temos orgulho de ter uma tradição única e fundada na região e hábitos de Aveiro, temos que proteger a nossa individualidade. Todos os que insistirem em apelidar os aluviões de caloiros, os patrões ou patroas por padrinho ou madrinha, assim como falharem na designação correcta da hierarquia poderão ser alvos na hora de Justiça Sumária Académica aplicada pelo Conselho do Salgado ou Salgadíssima Trindade.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Ferramentas e materiais utilizados para “praxar” Lodos e Lamas

Não se pode dizer que todos os Lodos e Lamas sejam iguais, tudo depende do grau de dissolução dos detritos na água e como se sabe a águaé fonte da vida. As Lamas e Lodos contribuem com sais minerais indispensáveis e são ainda incubadoras e habitat de inúmeras espécies aquáticas.

É, pois, de extrema importância que os materiais e equipamentos utilizados para “praxar” os Lodos e Lamas respeitem as normas comunitárias de defesa e conservação do meio ambiente.

Os aptos, no fim de cada jorna deverão assegurar a recolha e reciclagem dos desperdícios de tais fainas e tertúlias.

Ficam, pois, interditos os seguintes materiais ou equipamentos: berbequins eléctricos, moto-serras, bombas atómicas, ovos podres, efluentes domésticos e industriais, martelos pneumáticos, graxas de sapatos, caças-bombardeiros e finalmente Fornos de Algodres. Recomendam-se misturadores, pêssegos nas suas mais variadas formas, tamanhos e feitios (sem caroço), repastos em alegre convívio, ultraleves, moliceiros, leitão à Bairrada, “espeta-das”, ovos-moles, pão quente e... acima de tudo muita criatividade. Deve todo o material ser concebido exclusivamente para uso em humanos ou animais.

Em todas estas cerimónias será de bom-tom não esquecer o enquadramento do cenário em questão, o qual não se deve menosprezar e para isto recordemos o material necessário: bandeiras da Universidade,

da Cidade, do Distrito, de Portugal, da Península Ibérica, não esquecendo as bandeiras da Europa (de preferência comunitária), de África (atenção ao passado), de Marrocos (nossos vizinhos), da Austrália, do Brasil (né...) e, finalmente, de Calções de Baixo (esta de uma maneira especial). Na parte logística não convém esquecer a necessidade da existência de amplificação sonora, com cerca de 5.000W distribuídos pelos 7 canais da Ria, bebidas frescas com cubos de gelo triturados em forma de poliedros em pó e bases para copos recortadas simetricamente em relação a um espelho partido (nada de azar). E para que nada falte, nada melhor do que uma boa cadeira de realizador em fibra sintética (sim porque há que proteger as espécies...) com dois pés, para o teste final do equilíbrio.



SALINA VI

☉ VIVEIRO

O Outono...

Nesta salina fala-se resumidamente das cerimónias, rituais e festas que marcam e celebram a vida académica. As maiores festividades ocorrem por alturas do início do Outono, [recepção ao Aluvião], e no início da Primavera com o Enterro do Ano.

☉ ALGIBÉS

Calendários, ampulhetas, marégrafos e afins da safra anual...

Tal como as marés, toda a vida académica se subordina aos caprichos do tempo, do Sol e da Lua, que de equinócio a solstício ou de quarto em quarto - não é isso seus maliciosos(as) - moldam a natureza do Homem e da Mulher, no nascer, no crescer, no amar, no reproduzir e no morrer. Do equinócio de Outono ao equinócio da Primavera esta lagunar academia está sujeita a um fenómeno que já ocorria no Antigo Egipto. Eram as cheias do rio Nilo que nas suas passagens depositavam ao longo das suas margens Lamas & Lodos. Ficou este material rico em matéria orgânica conhecido por aluvião. Os antigos egípcios recebiam estes aluviões num misto de alegria e receio. Para minimizar os males associados a este fenómeno os Faraós ordenaram a construção de um complexo sistema de engenharia hidráulica, que permitiu a este povo receber das cheias os seus benefícios. As gentes que habitam ao longo da bacia hidrográfica do Baixo Vouga e respectivo sistema lagunar, a Ria de Aveiro, a exemplo daquela civilização, aprenderam a tirar o melhor partido dos Lodos e das Lamas da nossa Ria. É com estes materiais que se recompõe e se prepara anualmente as Salinas para cada Safra. É também nestes mesmos materiais que todos os anos nasce e se desenvolve o precioso Moliço – fertilizante natural utilizado na agricultura da região.

Com a mesma preocupação e o mesmo saber, esta academia prepara-se, por altura do equinócio de Outono, para a recepção dos novos Aluviões (matéria-prima indispensável à regeneração académica), este momento é festejado, entre “Roncadas”, Bailes e “Dragagens” das Lamas e Lodos, com rituais diversos de alegria e satisfação. Nestes festejos, as Lamas e os Lodos são encaminhados através dos Esteiros e Canais da região e depositados nas Salinas, nas Ilhas, nos Arrozaís, nos Departamentos, na E.S.S.U.A., E.S.T.G.A., Aveiro Norte, etc. ... Conforme as suas procedências, composições e selecção superior prévia. Infelizmente, este é um processo moroso, pois esta matéria desloca-se e repousa ao sabor das marés e dos humores do clima, entupindo e açoriando os Canais, os Esteiros, as cantinas, o C.U.A., o B.A. (ahhh, que saudades!!!!)... A navegação pela academia torna-se um teste à paciência e resistência de todos.

Contrariar esta movimentação desordenada, dentro do espírito da Faina Académica, é uma das competências e obrigações de todo o Moço(a) ou membro mais velho desta academia.

Passada que está a Semana do Enterro e até finais de Setembro, tal como nas marinhas do Salgado de Aveiro inicia-se a “Cura”. A Cura Académica é o nome dado a um conjunto de operações que visam o almejado Sal Académico. Este composto é constituído por porções de conhecimentos e saber condensados em cristais que, quando analisados a microscópio, apresentam a estranha forma de cadeiras e cadeirões. A primeira operação da Cura Académica é a “Recupera”. Recupera-se das bebedeiras e ressacas, recuperam das feridas aqueles (as) que levaram com os pés e recuperam-se as contas bancárias - inocentes vítimas sacrificadas nas cerimónias e rituais do enterro. É do cuidado e empenho dedicados a esta operação que depende o sucesso da safra do ano.

Segue-se a “Marra”, quando o estudante introduz desesperadamente nos seus neurónios, em lentas e demoradas cabeçadas às sebatas e calhamaços, as matérias e conhecimentos necessários à obtenção das pequenas quantidades de Sal Académico, na forma de unidades de crédito. Este sal forma-se pelo processo de transpiração do estudante. Assim como nas salinas, o mau tempo inesperado estraga a colheita sendo necessário proceder a vários trabalhos para evitar mais perdas na Safra.

No Salgado Académico, para contrariar os maus humores do clima docente, o estudante por vezes tem que recorrer à ”Directa”, para não ser vítima de perdas irreparáveis. Através desta operação tenta fazer em dois ou três dias o que deveria ter feito durante 300. Durante a directa não se dorme, come-se mal e os mais aplicados tornam-se invisíveis.

Terminada a “Cura Académica”, o resultado desta árdua labuta encontra-se espalhado, na forma de pequenos montes ou “notas”, por diversas pautas do Salgado Académico de Aveiro, inicia-se então o trabalho de “Feitura”. Este serviço consiste em reunir num único monte, grande e puro, ou outros mais pequenos, o resultado da Safra anual. São as diversas Safras Anuais que compõem a Grande Faina Académica e são necessárias algumas para se conseguir o Canudo. Infelizmente, nem sempre tudo corre bem e nas últimas Safras um conhecido fenómeno vem crescendo desmesuradamente. Como todos sabem, por vezes, julga-se ir buscar um bom monte de Sal Académico e no lugar deste encontramos um monte de chumbo. Durante muitos anos atribuiu-se isso às brincadeiras de quem se divertia às custas do estudante, deixando-o penar sob o sol intenso, carregando aquilo que este julgava ser Sal Académico.

Os trabalhos da “Cura” e da “Feitura” no Salgado Académico de Aveiro repetem-se jorna a jorna. Parte do tempo livre do Marnoto é gasto a tratar da embarcação que lhe serve de transporte entre a Salina e a sua casa, aparelha-a, esco-a, baldeia-a e se há infiltrações põe-na a seco e calafeta-a.

O aluno desta academia também gasta muito do seu pouco tempo livre a “Calafetar”, nome dado à operação que é feita quando em algumas cadeiras este meteu água. O estudante tenta tapar as fendas, as faltas dadas e as falhas, enchendo-as com maços de folhas A4 freneticamente manuscritas ou marteladas num computador, misturadas com uma pasta húmida, pegnenta e viscosa, similar ao “Breu”, chamada choradinho ou coro.

QUADRO RESUMO:

Set.	Out.	Nov.	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Maio	Jun.	Jul.	Ago.			
Procedem-se as primeiras chuvas. A safra repousa sob um manto de água para melhorar resistir às intempéries.				Limpeza.			CURA. Grupo de operações para a obtenção do sal "escorar ancoas", "bala", "quidras", "lavadas" e "rêb" após as quais se procede à "felleira" i.e. encher os montes do sal nas aras.			Colhe-se o sal e alarga-se o salmo para esta passar o inverno.				
Invasão de farras e todos vindos de afluentes secundários (protegem farras). Serenata à Santa Joana (imposição de insígnias). Semana de Recepção no Azevedo Grande Azevedo Aquisição de propriedades".				O Salgado Académico está paralizado sob um manto de escumas (vento e intempérie e difícil).			Inicia-se a "Limpeza" das farras e todos para obtermos Molhos Influentes do Salgado Académico) este facto é celebrado com os momentos académicos: Housada Grande Caldeirada de Eleição (Eleição dos Críticos Máximos da Faina) Semana de Entero de Avei Serenata à Ria (Ditado de Poesia de Balgadesimas "Indíce e Conselho do Salgado (Entero) Jantares de Camis, Seara Académico, Cortejo, Bala do Entero e Bala de Galaj).			Procedem-se à Cura Académica ou Inibidores forçados para obter o Sal Académico "terogera" - recupera-se... das missões "mang" - substituição de salientes "Ubeira" - lavam-se inibidores "cabeleira" - tapar os buracos com... A "Cura Académica" é afectada pelos descargas de peixes pilóditos.			Nesta altura o estudante fica a saber se passou de ano ou melhor ainda.	

Figura 11 - Quadro Resumo da Safra Académica Anual

Fica assim concluída a descrição do calendário de uma Safra Académica Anual, onde se teve o cuidado de enumerar e definir os factos e gravatas marcantes da vida dos membros deste Salgado Académico de Aveiro, durante o período (não, não é esse...) de um ano.

☉ **CALDEIROS**

Fainas e tertúlias marcantes da recepção.

☉ **SOBRE CABECEIRAS**

Cerimónia de imposição de insígnias - Serenata à Santa Joana Princesa

Chega a hora da imposição de insígnias, esta é deveras importante para todo o ciclo em que este Salgado Académico de Aveiro se enquadra. Sendo convidadas para a entrega das mesmas, pessoas relacionadas com as actividades piscatórias e salineiras da cidade de Aveiro. A entrega de insígnias deverá ser feita de um modo simbólico, a cada representante de curso (e ano) e outras pessoas que se distinguiram na Faina Académica.

No que diz respeito aos coxins redondos e nó de azelha estes devem ser falcassados e unidos com linha da cor do nó, o que impede também o seu desfiamento. Esta tarefa só pode ser realizada quando o ano a que diz respeito o nó esteja finalizado, condutas que visem o desrespeito pelas mesma, isto é, quando o número de chicotes unidos não coincidirem com o número de anos finalizados haverá punição em CALDEIRADA DE MESTRES.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Baile do Aluvião

É um lamaçal que faz bem à pele.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Dragagem do Salgado Académico

Nome dado aos trabalhos efectuados por todos os membros mais velhos que moços(as) que desejem ser patrões ou patroas, isto é, retirar lamas ou lodos dos canais, esteiros, B.A., etc., e tornarem-se responsáveis por estes. A “Dragagem” só é iniciada após abertura formalizada pelo Mestre do Salgado. Esta abertura efectua-se quando, simbolicamente Aquele toma um lodo ou uma lama sob sua protecção directa, impondo-lhes uma atadura (nó de azelha), da cor do respectivo curso que ostentará após adquirir o direito a trajar.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Grande Aluvião

Cabe então ao Conselho do Salgado organizar o Grande Aluvião.

☉ CALDEIROS

Loucuras de um Enterro

☉ SOBRE CABECEIRAS

Roncadas

Esta é uma das propostas desta faina académica. Quando os pescadores eram surpreendidos por nevoeiros em plena faina piscatória, a única esperança destes, de regressar em segurança a terra, era ouvirem a ronca da Barra, os búzios de quem ficou em terra, ou ainda os sinos das Igrejas. Atendendo a que as lamas e os lodos são materiais perdidos e confundidos no salgado académico propõe-se este jogo/ festa/ homenagem aos homens do mar. Cada curso ensina os seus aluviões a reconhecer a roncada de chamada desse curso. A roncada é composta por toques de búzios, chifres, trompas, etc., todas preparadas para produzir ruídos sem recorrer a palhetas. Podem ainda utilizar sinos ou sinetas. Depois, em dia ou noite pré-estipulada haverá um confronto inter-cursos de todos os estabelecimentos, onde se premiará a roncada com as lamas e lodos mais rápidos a encontrá-la. Note-se que todos os cursos roncam ao mesmo tempo e que cada roncada será colocada em local sorteado momentos antes do início do jogo. Todos os lodos e lamas participantes serão mantidos em local isolado e em absoluto estado natural, isto é, ignorância. Poderão ser atribuídos prémios às roncadas mais originais, ursos com lamas e lodos mais bem decorados, etc.

☉ SOBRE CABECEIRAS

A Grande Caldeirada de Mestres

“Entre os Mestres serão eleitos anualmente três, para assegurarem a organização das Grandes Caldeiradas ordinárias ou extraordinárias de Mestres. Compete a estes aplicar a Justiça Suprema Académica, presidir a cerimónias, rituais, bebensais, comensais e outros “ais” académicos e da Faina. A eleição destes é realizada na Grande Caldeirada de Mestres antes da Semana do Enterro do Ano, sendo a tomada de posse na Serenata à Ria.”

☉ TALHOS

Da candidatura aos cargos da faina na Grande Caldeirada de Mestres

CARGOS DA FAINA:

Salgadíssima Trindade

Mestre do Salgado
Mestre Pescador
Mestre Escrivão

Conselho do Salgado

A apresentação da candidatura aos cargos da Faina deverá ser feita por escrito e entregue à mesa. Podem candidatar-se aos cargos da SALGADÍSSIMA TRINDADE, todos os Mestres com pelo menos cinco matrículas e para o CONSELHO DO SALGADO todos os Mestres. Salvuaguarda-se que para o caso dos CONSELHEIROS DO SALGADO podem ser eleitos não Mestres, devendo no entanto ter hierarquia igual ou superior a moço, desde que propostos por um Mestre (este último poderá apenas propor um não Mestre). Poderão ser propostos elementos que à data da eleição tenham ainda duas matrículas desde que alcancem a terceira matrícula na data da Serenata à Santa Joana e que estes não sejam num número superior a um terço do número de membros do CONSELHO DO SALGADO.

Cada Mestre que tenha pelo menos cinco matrículas poderá candidatar-se a um máximo de dois cargos, e caso seja eleito para ambos ficará obrigado a aceitar o de hierarquia superior. A eleição dos CONSELHEIROS DO SALGADO deverá ser efectuada a seguir à da SALGADÍSSIMA TRINDADE e cada Mestre terá direito a sufragar três nomes. Os treze elementos mais votados constituirão o CONSELHO DO SALGADO. Em caso de empate em qualquer das votações haverá nova votação com os nomes em questão.

QUEM NUNCA PODERÁ CANDIDATAR-SE A CARGOS DA FAINA:

Quem tenha sido sujeito a Caldeirada de Justiça Suprema e dela não tenha saído ilibado.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Tomada de Posse da Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado - Serenata à Ria

Espectáculo único, com um palco nocturno deslumbrante, frente ao Canal Central, no coração da cidade de Aveiro. Tempo de escutar e sentir a Música Tradicional Portuguesa, tempo de parar e respeitar as sensações que daí emanam.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Sarau Académico

Palavras para quê?

☉ SOBRE CABECEIRAS

Desfile do Enterro

Tudo começa nos Jantares de Curso. O convívio e a boa disposição aliam-se para uma das noites mais agitadas da Semana do Enterro. A seguir, um único destino - O Cortejo do Enterro - em que os estudantes desfilam pela cidade, sua hospedeira. O cortejo serpenteia na urbe deixando um rasto misto de alegria e resplendor que culmina no famoso Baile do Enterro.

☉ TALHOS

Historial do Desfile do Enterro

Faz parte da nossa História! Se existe Semana do Enterro é porque antes surgiu o desfile, como já foi dito “foi ele que levou os estudantes desta Universidade a realizarem uma semana em que se fazia algo de diferente”. E isso faz com que sejamos diferentes, não copiámos nada de ninguém, aquilo que temos faz parte de nós, faz parte da nossa História, é a nossa História.

Tudo começou quando no ano de 78 os rapazes da residência nº1, situada na rua Mário Sacramento, resolveram tirar os lençóis da cama e sair para a rua à noite mascarados de fantasmas para fazer uma serenata às “donzelas” da residência feminina situada na mesma rua. A brincadeira durou até altas horas da madrugada, daí surgiu a ideia de alargar o desfile a outras zonas da cidade. No dia seguinte, para mais uma noite de brincadeira, voltaram a descer à cidade envoltos nos lençóis; mas desta vez a brincadeira acabou mal e o desfile terminou na esquadra da P.S.P. Foi no ano seguinte que a brincadeira se repetiu, mas desta vez com um morto, um caloiro franzino e bem “regado” que depois de colocado dentro de um caixão desfilou pelas ruas da cidade enquanto as carpideiras choravam e todos empunhavam velas. Surgindo deste modo o Enterro do Ano.

Decorria o ano de 1997, quando a COSE (Comissão Organizadora da Semana do Enterro), decidiu ressuscitar o GOD (Gabinete Organizador do Desfile) Da recolha de algumas tradições, por parte do GOD, surgiram as próximas linhas. Respeitando estas palavras, e as origens do nosso desfile, ele realizar-se-á sempre na Quinta-feira da semana académica, à noite e a seguir aos jantares de curso.

Abrirá o desfile um grupo de alunos da nossa Academia, que habitem na Residência universitária nº1, ou que por lá tenham passado. Estes elementos devem ir envolvidos em mantas que antes cobriam as camas da dita residência. Segue este grupo um caixão “recheado” por um Lodo originário da nº 1, eleito pelos elementos da mesma residência, pelas suas capacidades invulgares; sabe-se lá quais... Atrás do Caixão vai quem sempre o segue, só que neste caso em número maior, leia-se as Viúvas - Meninas moças donzelas da residência feminina, que vestem de preto, empunham uma vela e choram, choram, choram... Seguem de perto todos os cursos da U.A., dispostos; respeitando tudo o que já foi dito e mais ainda o que se segue.

☉ TALHOS

Regras do Desfile do Enterro

TRAÇADO DO DESFILE:

O desfile terá o seu início às 22:00h junto à residência nº 1, respeitando assim a tradição existente.

O percurso será:

Rua Mário Sacramento
Rua S. Sebastião
Rua Eça de Queirós
Rua Combatentes da Grande Guerra
Praça Humberto Delgado (Pontes)
Avenida Lourenço Peixinho

DISCURSO:

Recuperando uma tradição quase perdida cada curso no final do seu desfile fará um discurso de cariz crítico e onde apresentará o seu tema.

Cada curso tem obrigação de até ao dia primeiro da Semana do Enterro, entregar ao GOD uma cópia do referido discurso, bem como o nome do orador.

ORDENAÇÃO:

O curso a encabeçar o desfile será sempre aquele que no ano anterior obteve o primeiro lugar, seguido do segundo e terceiro lugares.

Em seguida virá o curso classificado no ano anterior como o curso mais académico.

Os restantes cursos serão ordenados por ordem de antiguidade na Universidade de Aveiro.

Em caso de igualdade em questão de antiguidade, respeitar-se-á a ordem alfabética.

TEMA:

Todos os cursos escolherão um tema que inspirará o seu carro e os seus “trajes”. Esse tema deve ser comunicado ao GOD em data estabelecida para o mesmo.

ORGANIZAÇÃO DO CURSO:

Abrirá o desfile de cada curso o respectivo carro, caso exista. Deve haver uma identificação clara do curso.

Seguir-se-ão os aluviões que se farão acompanhar, obrigatoriamente de uma vela acesa. Vela essa que simboliza o Enterro do Ano, que para eles significa a ascensão na vida académica perante a Faina.

Seguem-se os juncos e as caniças, moços e moças, os marnotos e as salineiras, e por fim os mestres.

Os alunos em fim de curso, ou seja, arrais, varinas e alguns mestres, desfilarão envoltos em lençóis brancos, simbolizando por um lado o culminar dos conhecimentos adquiridos, por outro a saudade e a despedida da academia, com a convicção que nunca esquecerão aquilo que um dia já cantaram: “Aveiro é nosso, Aveiro é nosso e há-de ser, Aveiro é nosso e vai vencer. “

Seguindo esta filosofia de pensamento, recomendam-se os cursos a convidar os seus antigos alunos para que façam parte integrante do desfile, no entanto, para isso deverão ter vestido o Gabão do Tertúlio. Aos antigos alunos é permitida a livre circulação dentro do desfile do seu curso.

AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO:

A classificação no desfile do enterro do ano é atribuída por um júri soberano, júri esse que é formado por ilustres da Academia e da cidade Aveirense a convite do G. O. D.

Os parâmetros de avaliação a tomar em consideração pelo júri serão estabelecidos pelo GOD e encontram-se referidos em canal anexo contendo também as alterações que possam ser feitas a estas regras desde que aprovadas pela Salgadíssima Trindade.

PRÉMIOS

O GOD atribuirá um prémio ao curso mais académico; tendo para isso presente o contacto que manteve com todos os cursos, quer durante a construção dos carros, quer durante o desfile.

Haverá uma réplica maior que estará em exposição na academia, onde será gravado o curso vencedor de cada ano.

Será atribuído um prémio para o melhor discurso.

A TRADIÇÃO TEM REGRAS:

O lençol deve ser usado por todos os alunos que tenham finalizado com sucesso o seu percurso na academia e decidam abandoná-la. Dentro deste espírito, obrigam-se a quando voltarem a envergar o tertúlio, usem pelo menos durante um ano curricular a rede branca por cima das insígnias, ficando durante esse tempo limitados a apenas observar os actos de Faina.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Baile de gala

Quando já se é crescido e o Tertúlio não tão largo “finaliza-se” a Faina Académica neste Baile, as recordações continuam...

SALINA VII

☉ VIVEIRO

Exceções e penalizações que fazem as regras

Hoje a Sociedade vive e cultiva a opção individual. Opções que sendo positivas ou negativas condicionam e orientam cada um neste seu navegar. É, pois, importante que seja dado o espaço devido a quem, por qualquer razão, não concordar ou não quiser aderir ou sujeitar-se em parte, ou por todo, a esta forma de estar e de viver a Academia. Por outro lado é indispensável que todos os que aceitem as regras que os defendem ou os privilegiam no Salgado Académico, as respeitem e as cumpram, para que todos gozem desses benefícios. Assim como há espaço para Praxar, para o porco, enguias e vinho, é vital que todos as respeitem, as cumpram e as façam cumprir, assim como que, os que desrespeitem, pervertam ou faltem gravemente às normas orientadoras da Faina Académica sejam punidos, pois ofendem o espírito académico. Por exemplo, ser Lodo ou Lama é uma grave muito falta!

☉ ALGIBÉS

Para quem não quer...Há muito!

Todos os que, por opção individual, não quiserem respeitar os preceitos e aderir à Faina Académica fazem-no em seu pleno direito, devidamente reconhecido por este guia e todos os membros desta Academia. Contudo, por coerência com a sua decisão, ficam impedidos de trajar, usar qualquer outro símbolo da Faina e ainda de “Praxar” Lodos e Lamas, ou participar em qualquer outra actividade organizada pela Faina de curso durante a sua carreira e estadia no Salgado Académico de Aveiro. Ficam no entanto salvaguardados todos os restantes direitos, enquanto ilustre estudante da Academia, entre eles, o da livre circulação entre os Estados Membros.

Podem ainda, estes membros, reconsiderar da sua decisão, em qualquer momento da sua vida Académica, tendo:

Apresentar formalmente, por carta, ao Mestre do Salgado a sua intenção e aspiração de aceitar, respeitar e fazer respeitar as normas orientadoras da Faina da Académica;

Aguardar a convocação de Caldeirada (extraordinária, ou não) de Mestres, a fim de estes decidirem sobre a sua solicitação;

Acatar as decisões da Caldeirada e em local(ais), data(s) e hora(s) indicado pelos Mestres, cumprir com os tributos, tarefas e “Praxes”, após os quais trajará oficialmente e pela primeira vez o símbolo máximo da Faina Académica - O Tertúlio.

Lembramos que, envergar o Tertúlio implica aceitar, respeitar e fazer respeitar integralmente e no melhor sentido as normas da Faina Académica. Todos os que recusarem a Faina Académica, moralmente, não são dignos de Trajar ou “Praxar”. Sempre que algum(a) destes o fizer incorre em grave falta e ofensa à Academia (Ver Sobre Cabeceiras nesta Salina).

☉ ALGIBÉS

Excepções para evitar tentações...

Esta norma orientadora tem por objectivo diminuir, ou quiçá, extinguir, os abusos de Faina nos Lodos e Lamas, praga infestante e tão prejudicial à manutenção do Bom Ambiente Académico. Todos sabemos que as Lamas e Lodos poluídos e maltratados são o habitat ideal para a reprodução “descontrolada” de insectos, bocas, rancores, etc. ... que infestarão o Salgado Académico incomodando e lesando todos. Pretende, também, acabar com os exibicionismos dos mais velhos, mas menos maduros, e criar, em todos, o sentido de responsabilidade indispensável para o correcto tratamento, depuração, análise, “control”, transporte e armazenamento dos Lodos e Lamas. Por vezes é difícil conter a excitação de contactar e descobrir novos Aluviões ou de resistir aos incitamentos de quem assiste à Faina, sendo alguns limites ultrapassados. Para que esses limites não sejam levemente transpostos, determina-se:

É condicionada a Faina de Lamas e Lodos na Reitoria (passeios e jardim adjacentes incluídos), Caraíbas, dentro de canais ou esteiros, Pólo Norte, junto a monumentos, Adegas e Caves de Vinho da Bairrada e outras de qualidade indubitável, dado que estes locais, entre outras razões, são objecto de convívio ou Veneração Académica. As cantinas não o são, são de convívio forçado, e tendo para evitar que a tortura seja ainda maior (às vezes, porque o pasto muitas vezes é bom, ou melhor que em outras cantinas no resto do país) a praxe é condicionada, ou seja, não há.

Nestes locais aquando envergado o Tertúlio da Universidade de Aveiro deve-se encontrar impecavelmente vestido.

É expressamente proibido a praxe nocturna nesta Academia, salvo a autorização prévia e formal do CONSELHO DO SALGADO ou SALGADÍSSIMA TRINDADE.

Todo o membro da Academia, detectado por membros mais velhos que ele, em pleno acto de “Praxar” Lodos e Lamas nos locais citados ou (a apagar) em transgressão das condições referidas, fica sujeito de imediato à Justiça Sumária Académica. Será aplicado no faltoso o mesmo tratamento que este dedicava ao(s) Lodo(s) e Lama(s) sobre solo sagrado. A recusa deste, em acatar a JUSTIÇA ACADÉMICA SUMÁRIA, será interpretada como falta ou ofensa grave à Academia, ficando sujeito ao veredicto em CALDEIRADA DE MESTRES.

Se o membro mais velho, referido no parágrafo anterior, não estiver trajado tem o direito e dever de parar a praxe faltosa, não podendo no entanto aplicar a sanção devida ao faltoso.

☉ ALGIBÉS

Punições para quem caiu em tentações!

Sendo um mal necessário, as punições, penalizações, coimas ou indemnizações Académicas visam sobretudo corrigir e minimizar as consequências nefastas das injustiças, excessos, imprevidências ou negligências perpetradas pelos membros desta Academia. Têm, também, uma função pedagógica nas relações (não! não são dessas...) entre todos, neste SALGADO ACADÉMICO. Serão aplicadas sempre que se verifiquem situações de abusos na Faina de Lodos e Lamas, Juncos e Caniças apanhados em flagrante Faina (uma vez que não o podem fazer) e estudantes, membros da faina (mestres incluídos), mal ou não trajados (que vergonha!)..., ou qualquer outra ofensa à Faina Académica. As punições, indemnizações ou coimas serão aplicadas após a justiça académica se ter manifestado nas formas abaixo descritas.

☉ CALDEIROS

Justiça Sumária Académica

É o instrumento base de fazer e aplicar a justiça Académica sempre que algum membro desta academia incorre em falta menor ou ofensa, devidamente detectada por membros mais velhos à Faina Académica, aos órgãos da Academia, da Cidade ou do Distrito, do País e do resto do mundo em geral.

Estas faltas são susceptíveis de acontecer quando:

Alguém “praxar” Lodos e Lamas sozinho, mal acompanhado (leia-se menos de 5 membros ou ainda na companhia de Juncos e Caniças), mal ou não trajado e ainda nos locais indicados nos Caldeiros desta Salina.

Se tem atitudes impróprias em momentos de representação Académica.

Se exercer o direito de Faina sobre influência visível de álcool ou qualquer tipo de estupefaciente, bem como o consumo dos mesmos em acto de Faina.

De uma maneira geral, se ofender colegas ou outras pessoas e ainda se o seu comportamento não se encontrar à altura da situação.

A Justiça Sumária Académica será sempre aplicada por qualquer membro desta Academia, a colegas com o mesmo estatuto ou mais novos, respeitando sempre a hierarquia estatutária. Quando a falta for detectada, por um membro hierarquicamente inferior, este, deve abordar um colega que tenha maturidade e experiência superior ao faltoso que deverá assumir o encargo de corrigir e aplicar a Faina que julgar adequada.

☉ SOBRE CABECEIRAS

Indemnizações e coimas académicas

Sempre que na Faina se afecte a integridade física de alguém (Lamas e Lodos incluídos) ou se produzam prejuízos materiais, o faltoso terá que indemnizar o(s) lesado(s) no valor do estrago causado. A Indemnização Académica é ainda aplicada a todos os que “praxarem” Lodos e Lamas, propriedade de algum Patrão ou Patroa sem a respectiva autorização por parte destes. Neste caso é indispensável o flagrante, ou a queixa do Lodo ou Lama ser comprovada por duas testemunhas (mais velhos que Junco / Caniça) ou então comprovada por 35.751.269,5 Lodos e/ou Lamas, nem mais nem menos! A indemnização será cobrada pelos Patrões em géneros, leia-se Copos, Jantares, etc.

As coimas Académicas só podem ser aplicadas pelos Mestres e, estas destinam-se a corrigir faltosos sistemáticos ou cadastrados, abusadores e exibicionistas. As coimas serão cobradas de imediato e em géneros, (o costume ... e um bagaço).

No caso dos indevidamente trajados, poderão ainda ser penhorados e posteriormente leiloados quaisquer elementos extra traje (ver Viveiro da Salina III) ou componentes do Tertúlio que sejam encontrados ao abandono.

☉ CALDEIROS

Caldeirada de Justiça Suprema

Neste caso o(a) faltoso(a) será levado(a) a CALDEIRADA DE MESTRES, onde serão decididas e aplicadas as justíças e punições da Faina decididas ou criadas na Caldeirada.

Serão todos os casos devidamente testemunhados ou comprovados de extremo desrespeito, de infracção ou de ofensa de qualquer membro deste Salgado Académico às normas desta FAINA ACADÉMICA, aos Órgãos Máximos da Academia, da Cidade ou do Distrito ou ainda a colegas no exercício da Faina.

Esta Caldeirada será presidida pelo MESTRE DO SALGADO coadjuvado ou substituído pelo MESTRE PESCADOR e ainda pelo MESTRE ESCRIVÃO. A CALDEIRADA DE JUSTIÇA SUPREMA inclui um corpo de jurados, constituído pelos elementos do CONSELHO DO SALGADO, até ao máximo de 13, a quem compete a decisão sobre a inocência ou culpabilidade do(s) réu(s).

A Caldeirada nomeará um Mestre, para assumir os trabalhos (ingratos) da defesa do faltoso, que aceitará ou não a proposta (obviamente, este terá de ter sempre um representante que o defenda). Serão ouvidos os testemunhos necessários.

É obrigatório o registo no Rol das Caldeiradas (livro de actas) do desenvolvimento do processo e punições atribuídas. Não há recurso das decisões e punições decididas nestas Caldeiradas. Ao Mestre que presidir caberá a decisão sobre a pena a aplicar ao(s) culpado(s).

☉ ESTEIRO

Alterações ao Código de Faina

Qualquer proposta de alteração só poderá ser formulada por moços ou superiores e terá que ser dirigida ao Conselho do Salgado, que a analisará e submeterá a Caldeirada de Mestres com o devido parecer. As propostas deverão ser fiéis ao espírito que emana do Faina Académica.

Cabe à Salgadíssima Trindade o direito e dever de anexar a este código canais com o objectivo único de regulamentar o funcionamento dos órgãos e das actividades, no respeito da Faina Académica, e na salvaguarda da sua funcionalidade.

Em caso de dúvida ou omissão todas as decisões serão tomadas pelo CS e ST.

▣ **BARACHA FINAL**

Nem Tudo o que Veio à Rede Foi Praxe

“Faina Académica” ou “Nem Tudo o Que Vem à Rede é Praxe” é um manuscrito, neste caso computescrito, que poderá ser revisto quando as situações assim o definirem, ou no caso de certos itens se tornarem obsoletos (o que é difícil...). Neste caso terão de ser tomadas as medidas legais para o efeito (p. ex. ASPIRINA). Espera-se que este documento prolifere na História e que os descendentes desta Rede também saibam nadar... espera-se ainda que este enriqueça a vida académica, da U.A., a E.S.T.G.A., a E.S.A.N., a E.S.S.U.A., o I.S.C.A.A., o I.S.C.I.A., o IPAM e a Região em geral, e que seja um ponto de encontro e de tertúlia por parte dos estudantes e dos demais convivas.

Com as mais cordiais Saudações Académicas

Os autores do texto original

Carlos Miguel Grangeia
Carlos Manuel Rodrigues
Lina Maria Rodrigues
Luís Gonçalves
Luís Jorge Fadilha

▣ CANAL I (EM ETERNA CONSTRUÇÃO)

Canal regulamentador das cores dos cursos

De forma a diferenciar a maioria dos cursos da U.A. e atendendo ao facto de e em alguns cursos não existir uma tradição nacional de cor identificativa, o Conselho da Salgado, de acordo com a Salgadíssima Trindade, está neste momento a receber propostas para a segunda cor de alguns cursos.

Para escolher a cor de curso deverá ser marcada uma reunião dos alunos do curso, que deverão optar por uma cor e também indicar uma cor alternativa. Esta decisão deverá ser comunicada por escrito ao Conselho do Salgado, que, respeitando a ordem de chegada das propostas, verificará se a escolha é original. Se tal acontecer a cor será aprovada. No caso de a cor pretendida já estiver a ser usada por outro curso, o Conselho do Salgado analisará a cor alternativa. No caso de ambas as escolhas serem recusadas o curso deverá reunir novamente para escolher uma nova cor. Uma cor só se considera repetida quando dois cursos com a mesma cor principal escolhem a mesma segunda cor. Dois cursos com a cor principal diferente podem escolher uma segunda cor igual.

DEPARTAMENTOS:

AMBIENTE E ORDENAMENTO:

Engenharia do Ambiente (Tijolo + Roxo)

BIOLOGIA:

Biologia (Azul Claro)

Biologia e Geologia (Rosa Claro + Azul Claro)

Biologia e Química alimentar *

COMUNICAÇÃO E ARTE:

Design (Lilás + Vermelho)

Música (Lilás + Azul)

Novas Tecnologias da Comunicação (Lilás + Verde)

Tecnologias da Informação e Comunicação (Lilás + Preto) *

ECONOMIA, GESTÃO E ENGENHARIA INDUSTRIAL:

Economia (Vermelho + Branco)

Engenharia e Gestão Industrial (Tijolo + Cinzento Escuro)

Gestão (Preto + Vermelho)

Gestão e Planeamento em Turismo (Verde + Laranja) *

Turismo (Verde + Laranja)

EDUCAÇÃO:

- Educação Básica (Rosa)
- Educação de Infância (Rosa) *
- Ensino Básico (Rosa) *
- Psicologia (Preto + Laranja)

ELECTRÓNICA, TELECOMUNICAÇÕES E INFORMÁTICA:

- Engenharia de Computadores e Telemática (Tijolo + Azul Escuro)
- Engenharia Electrónica e Telecomunicações (Tijolo + Azul Celeste)
- Ensino de Electrónica e Informática *
- Tecnologias e Sistemas de Informação (Preto + Verde Claro)

ENGENHARIA CERÂMICA E DO VIDRO:

- Engenharia Cerâmica e do Vidro (Tijolo + Laranja) *
- Engenharia de Materiais (Tijolo + Vermelho)

ENGENHARIA CIVIL:

- Engenharia Civil (Tijolo + Castanho)

ENGENHARIA MECÂNICA:

- Engenharia Mecânica (Tijolo + Cinzento)

FÍSICA:

- Engenharia Física (Tijolo + Amarelo)
- Física (Azul Claro)
- Meteorologia, Oceanografia e Geofísica (Azul Claro)
- Meteorologia, Oceanografia Física (Azul Claro) *

GEOCIÊNCIAS:

- Engenharia Geológica (Tijolo + Preto)

LÍNGUAS E CULTURAS:

- Inglês e Alemão (Azul Escuro) *
- Línguas e Estudos Editoriais (Azul Escuro + Verde)
- Línguas e Relações Empresariais (Azul Escuro + Vermelho)
- Línguas, Literaturas e Culturas (Azul Escuro + Laranja)
- Português e Francês (Azul Escuro) *
- Português e Inglês (Azul Escuro) *
- Português, Latim e Grego (Azul Escuro) *
- Tradução (Azul Escuro + Branco)

MATEMÁTICA:

- Matemática (Azul Claro)
- Matemática Aplicada e Computação *

QUÍMICA:

Bioquímica (Azul Claro)
Biotecnologia (Azul Claro)
Ciências do Mar (Azul Claro)
Engenharia Química (Tijolo + Branco)
Química (Azul Claro)
Química Industrial e Gestão *

**ESCOLA SUPERIOR DE DESIGN, GESTÃO E TECNOLOGIA DE PRODUÇÃO
AVEIRO NORTE (ESAN):**

Tecnologia e Design de Produto (Verde + Azul Ciano)

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE DA UNIVERSIDADE DE AVEIRO (ESSUA):

Enfermagem (Branco + Amarelo)
Fisioterapia (Branco + Azul Escuro)
Gerontologia (Branco + Laranja)
Radiologia (Branco + Cinza Escuro)
Radioterapia (Branco + Vermelho Escuro) *
Terapia da Fala (Branco + Lilás)

ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA E GESTÃO DE ÁGUEDA (ESTGA):

Comércio (Cinzento + Amarelo Torrado)
Documentação e Arquivística (Cinzento + Verde Tropa)
Engenharia Electrotécnica (Cinzento + Azul Marinho)
Gestão da Qualidade (Cinzento + Laranja)
Gestão Pública e Autárquica (Cinzento + Vermelho)
Técnico Superior de Secretariado (Cinzento + Bordeaux)
Tecnologias da Informação (Cinzento + Preto)

SECÇÕES AUTÓNOMAS:

CIÊNCIAS DA SAÚDE:

Ciências Biomédicas (Azul claro + Amarelo)

CIÊNCIAS SOCIAIS, JURÍDICAS E POLÍTICAS:

Administração Pública Azul Escuro + Amarelo
Planeamento Regional e Urbano (Verde + Verde Claro) *
Técnico Superior de Justiça (Azul Escuro + Cinza)

*Cursos que já não existem na UA mas que faziam parte do código de faina

▣ **CANAL II**

Canal regulamentador da candidatura e eleição da Comissão de Faina do Curso

Artigo 1º
Especificação

As disposições do presente Regulamento aplicam-se à eleição das Comissões de Faina de Curso.

Artigo 2º
Capacidade Eleitoral

Têm capacidade eleitoral activa todos os elementos pertencentes à Faina Académica, desde que tenham atingido o grau hierárquico de moliço.

Ficam expressamente proibidos os votos por qualquer forma de representação.

A cada membro da Faina Académica será concedido um voto.

Artigo 3º
Elegibilidade

São elegíveis para as Comissões de Faina todos os elementos que:
Tenham adquirido já o grau de moço(a) ou superior.

Venham a adquirir o grau de Junco ou Caniça no ano lectivo correspondente ao mandato, e desde que pertencentes à Faina dos cursos leccionados na Escola Superior de Design, Gestão e Tecnologia de Produção Aveiro Norte (ESAN) e Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda (ESTGA) devido ao facto de serem politécnicos.

Venham a adquirir o grau de Junco ou Caniça no ano lectivo correspondente ao mandato, desde que se garanta que 2/3 da Comissão eleita tenha grau igual ou superior a moço(a).
Ficam expressamente proibidas as candidaturas por qualquer forma de representação.

Artigo 4º
Processo Eleitoral

As eleições deverão ser realizadas anualmente após a semana do Enterro do ano, tendo como prazo limite o fim do mês de Maio.

As eleições deverão ser realizadas em Reunião de Alunos, convocada e dirigida pela Comissão de Faina cessante.

A Reunião de Alunos destinada a tal efeito, deverá ser convocada pela Comissão de Faina cessante, pelo menos duas semanas antes da sua realização e comunicada à Salgadíssima Trindade e Conselho do Salgado com data, local e hora.

As candidaturas deverão ser entregues à Comissão de Faina cessante até cinco dias úteis antes da Reunião de Eleição.

Cabe à Comissão de Faina cessante o dever de submeter ao Conselho do Salgado todas as candidaturas, nas vinte e quatro horas subsequentes, para avaliação das mesmas e do método de eleição mais apropriado.

Cabe à Comissão de Faina cessante o dever de publicar, imediatamente após a decisão pelo Conselho do Salgado, o método de eleição mais apropriado e o nome ou listas de candidatos à Comissão de Faina de curso.

Todas as candidaturas devem conter o nome, número mecanográfico e o número de matrículas dos candidatos.

Caso não sejam apresentadas candidaturas dentro do prazo estipulado, a eleição decorrerá automaticamente por método de candidatura individual dos membros presentes na Reunião de Eleição, na presença de um elemento do Conselho do Salgado.

Artigo 5º
Sistema Eleitoral

A votação decorrerá em sufrágio directo e secreto.

As Comissões de Faina a constituir serão compostas por um mínimo de cinco e um máximo de dez elementos, mais um Mestre de Curso ou Arrais (Varina), nomeado pela Salgadíssima Trindade.

A eleição da Comissão de Faina dar-se-á pelo método de listas ou pelo método de candidatura individual.

Artigo 6º
Eleição por método de listas

As listas deverão ser entregues de acordo com o estipulado anteriormente, sendo que o Mestre de Curso ou Arrais (Varina) nomeado(a) pela Salgadíssima Trindade, deve estar bem identificado e destacado da restante Comissão de Faina.

Cada elemento apenas pode votar numa lista.

Em caso de empate dever-se-á recorrer a uma segunda volta apenas com as listas empatadas.

Artigo 7º
Eleição por método individual

Existirão duas eleições distintas. Uma para a eleição do Mestre de Curso ou Arrais (Varina), nomeado(a) pela Salgadíssima Trindade; Outra para a eleição dos elementos da Comissão de Faina.

A primeira eleição a efectuar-se será a do Mestre do Curso.

Todas as candidaturas serão feitas de forma individual pelos candidatos, entregues de acordo com o estipulado anteriormente e com a declaração de intenção do cargo a ocupar.

As votações serão feitas através de voto secreto em boletins individuais para cada eleição.

Para a eleição do Mestre de Curso, em cada boletim apenas poderá ser escrito o nome de um dos candidatos.

Para a eleição da restante Comissão de Faina, em cada boletim poderão ser escritos o nome de três dos candidatos inscritos.

Ganharão os elementos que obtiverem mais votos. Em caso de empate dever-se-á recorrer a uma segunda volta unicamente com os candidatos empatados.

Artigo 8º
Impugnação e Homologação

Cabe à Comissão de Faina cessante a responsabilidade de entregar ao Conselho do Salgado a acta da Reunião de Eleição da nova Comissão de Faina.

A Salgadíssima Trindade apreciará e decidirá sobre a Impugnação ou Homologação do acto eleitoral da Comissão de Faina de Curso.

A nova Comissão de Faina e o novo Mestre de Curso entram em funções após aceitação da acta da Reunião de Eleição por parte da Salgadíssima Trindade.

No caso da não aceitação repetir-se-á todo o processo eleitoral, cuja data de início será definida pelo Conselho do Salgado após reunião com a Comissão de Faina cessante.

Artigo 9º
Tomada de Posse

As Comissões de Faina eleitas tomarão posse na Cerimónia de Imposição de Insígnias – Serenata a Santa Joana Princesa.

Artigo 10º
Casos Omissos

Em caso de dúvidas ou irregularidades, estas deverão ser levadas à consideração do Conselho do Salgado e da Salgadíssima Trindade para sua resolução.

 **CANAL III**

Canal Regulamentador do GOD

“Decorria o ano de 1997, quando a COSE (Comissão Organizadora da Semana do Enterro), decidiu ressuscitar o GOD (Gabinete Organizador do Desfile)”

(Este Canal será apresentado às comissões de faina, anualmente, após a aprovação pelo Conselho do Salgado do documento proposto pelo G.O.D.)



CANAL IV

Canal da Carta de Princípios do Conselho Nacional de Praxe e Tradições Académicas

Conselho Nacional de Tradições Académicas Carta de Princípios

Nota Introdutória:

A Carta de Princípios do Conselho Nacional de Tradições Académicas foi aprovada e assinada em Évora, a trinta de Outubro de dois mil e dez, após o encerramento do IX Encontro Nacional de Praxe e Tradições Académicas realizado na Universidade de Évora, colmatando a necessidade de criar uma plataforma de entendimento que reunisse os pontos comuns à praxe de todas as Academias envolvidas e desenvolvesse assim estratégias para uma representação válida da praxe nacional no século XXI, tendo sido ratificada no Porto.

O Conselho Nacional de Tradições Académicas nasce da aproximação de várias academias, para que sejam esclarecidas e defendidas as tradições académicas nacionais de uma forma consensual e representativa. São as Academias fundadoras: o Conselho de Notáveis da Universidade de Évora, o Magnum Consillium Veteranorum da Academia do Porto, o Conselho do Salgado da Universidade de Aveiro, o Cabido de Cardeais da Universidade do Minho, o Fórum Veteranum da Universidade da Beira Interior, o Conselho de Veteranos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a Ordem Dom Diniz de Leiria e o Magnum Concilium Veteranorum - Conselho de Veteranos da Universidade de Coimbra, que, após diversos congressos e encontros nacionais em que se debateram as tradições académicas nacionais, chegaram ao seguinte consenso, redigido pela Academia Aveirense:

Nós, as Academias declaramos:

- Preservar a praxe e tradições académicas nacionais;
- Promover uma praxe adaptada aos que nela vivem e crescem;
- Executar uma praxe justa, idónea e equitativa, sem discriminar género, credo ou etnia;
- Reiterar a nossa inabalável fé em todos os princípios descritos na Declaração Universal dos Direitos do Homem, assim como na igualdade dos direitos entre géneros, na Constituição da República Portuguesa e nos princípios de liberdade nela contidos.

Para que tal aconteça:

- Respeitaremos a identidade das tradições académicas, intrínseca a cada academia no panorama nacional;
- Uniremos os nossos esforços para que a praxe e tradições académicas prevaleçam, nunca definham ou se extingam;

Após ponderarem sobre este documento, as Academias, por intermédio dos seus representantes máximos, com poderes para o acto e empossados pelos regulamentos e códigos próprios a cada academia, adoptaram a presente declaração, por ser idónea e verídica, estabelecendo deste modo a organização que será conhecida pelo nome de Conselho Nacional de Tradições Académicas.



CANAL V

Canal regulamentador do Grito Académico Aveirense

Entoado pelos canais da Ria, no seu imenso esplendor, deverá ser sempre invocado com o máximo orgulho e fervor, pela nossa Academia, pela nossa Cidade!

Aveiro é Nosso

Aveiro é Nosso

Aveiro é Nosso. e Há-de Ser

Aveiro é Nosso e Há-de Ser

Aveiro é Nosso Até Morrer...

▣ GLOSSÁRIO

Portão ou Bomba – Canal de entrada de água para a salina (Viveiro)

Algibés – Reservatório de forma rectangular separados do Viveiro por um dique chamado “Trave do Viveiro”

Aluvião – Materiais de origem detrítica que se depositam nas margens de qualquer canal fluvial.

Aparelhar - Conjunto de operações que visa preparar as redes ou artes de pesca antes de lançar as redes.

Arrais – Mestre ou patrão de embarcação.

Arte Xávega – É um tipo de pesca de arrasto só que, com a diferença que o barco sai de terra deixando já uma corda que está sempre ligada a este dando a volta a mais de 500 metros de distância da costa este deixa a rede que depois é arrastada até á praia puxada por bois que auxiliados por tractores , trazem o peixe que pelo caminho encontra.

Barracha – Traves de separação entre os Caldeiros, Sobre cabeceiras, Talhos e Cabeceiras.

Bebensal -

Boémia – Classe de jovens literatos, artistas, etc. , que vivem despreocupadamente dia a dia, trabalhando pouco e divertindo-se;

Bombinha – Canais de comunicação entre os Caldeiros, Sobre cabeceiras, Talhos e Cabeceiras

Caldeirada – Guisado de peixe à moda dos pescadores;

Caldeiros – Sucessão de pequenos depósitos entre os “Algibés” e os “Sobre-Cabeceiras”.

Caloiro (a)– Estudante novato; aquele que é noviço em qualquer coisa; indivíduo acanhado, lorpa.

Cambeias – Brechas causadas por tempestades nas salinas.

Caníça – O mesmo que Junco (género feminino.), mas com linhas mais atraentes.

Cantina – Restaurante de instituições de grande porte, para os funcionários e/ou alunos

Capelo – Camada de lama que remata em toda a extensão da salina.

Carreira (inha) – Valas que continuam as carreiras grandes, ao longo da marinha nova, e que sustentam a marinha velha; constroem-se, geralmente, de seis em seis meios, delimitando, assim, os talhões.

Comedoría – Ordem onde se efectua o armazenamento de água da salina, composta pelo viveiro e os algibés.

Comensal -

Cura – Acção de curar (Endurecer a praia dos cristalizadores, alternando a exposição dos fundos em seco, à acção do sol, durante quatro a oito dias, com a tomada de água nova que se deixa morrer ou se arreja, ou, ainda, se ugalha).

Dragagem – Acto ou efeito de tirar a areia ou o lodo do fundo dos rios ou dos portos.

Eira – Zona do malhadal onde o sal é acumulado em montes; em princípio, as eiras devem ser duas para cada quinhão.

Esteiro – Canal da Ria que não permite a navegação na maré baixa.

Etc. – Abrev. da loc. lat. et caetera, o resto, as outras coisas.

Faina – Esta palavra tem origem no Latim facienda, coisas que devem ser feitas.

Insígnias – É um sinal distintivo de dignidade de função (um emblema).

Jorna – Trabalho feito durante um dia, principalmente por um trabalhador rural; ou então, representa o pagamento desse trabalho diário.

Junco – Ou vulgar herbáceo aquático, verde e inexperiente que assiste às fainas e tertúlias da Faina de Lodos e Lamas, tentando adquirir algum saber na arte.

Lançar – Nesta fase quando já Moço (uns mais outros menos!), Moças, Marnotos e Salineiras, os membros da Academia possuem os conhecimentos e a experiência mínimos sobre os locais e os momentos de lançamento dos enredos indispensáveis para capturar o que querem “possuir”.

Limpeza – Trabalhos preparatórios da salina, no início da época, essenciais para o seu bom funcionamento.

Lodos e Lamas – Vulgo caloiros (as), cinzentos, odor nauseabundo proveniente de detritos carbonosos em decomposição.

Machos – Muretes de secção rectangular, situados de seis em seis meios, por onde passa o pessoal; por vezes, são forrados, lateralmente, com tábuas, para melhor resistirem aos estragos provocados pela invernía e se reduzir as possibilidades de poluição do sal com o lodo.

Malhadal – Muro largo que se segue à malhada e onde se situam as eiras e o palheiro. Por vezes, o marnoto cultiva, neste terreno, uma pequena horta, onde é frequente ver uma figueira ou uma parreira arrimada ao palheiro, cujos frutos são utilizados como sobremesa, nas parcas refeições do pessoal.

Mandamento – Ordem evaporadora da salina, em cujos reservatórios (caldeiros, sobre-cabeceiras, talhos, cabeceiras e, excepcionalmente, caldeirões), se deposita grande parte, não só das impurezas transportadas pela água, mas também dos sais de ferro, carbonato de cálcio e gesso.

Marnoto – Homem que trabalha nas marinhas de sal e dirige a sua exploração, sendo este o nome que prevalece no Salgado da Ria de Aveiro. O mesmo que Salineiro.

Mestres – Pela sua permanência prolongada no Salgado Académico possuem experiência e a autoridade máxima, sendo verdadeiros detentores do saber viver académico.

Moliço – É fertilizante 100% natural, agente revitalizador do Salgado Académico. O estudante neste estado ainda se encontra sujeito às vontades das marés, sem poiso certo e por isso é necessária ajuda para que se “oriente”. O moliço é composto por algas, sargaços e outras plantas aquáticas que servem para adubos das terras.

Palamenta – Conjunto dos remos, mastros, vergas, etc., de qualquer embarcação.

Parcel – Fundo das várias peças, com excepção do viveiro. O mesmo que Polmo e Praia.

Passadoiro – Pequenos muros ou pranchas que permitem a passagem das pessoas através do entraval.

Popa – Parte posterior do navio.

Proa – Parte dianteira do navio.

Recolher – Já Arrais, Varinas ou sempre Mestres a impaciência instala-se nestes estudantes, que colhem ansiosamente, o fruto de tão longa Faina e extenuantes Safras anuais. Largam amarras e partem mundo fora carregados com o precioso Sal Académico, indispensável para vencer os Desafios da Vida. Do Salgado Académico ficará a saudade dos anos marcantes de ser Universitário e da boémia de Aveiro.

Rega do Mandamento – Enviar, pela primeira vez, água das comedorias para o mandamento, após a fase de limpezas e securas deste.

Roncada – Ver Salina VI

Safra – Época de trabalho; começa no início da Primavera e termina com as primeiras chuvas de Outono.

Sal – Sal das cozinhas ou sal comum, obtido por evaporação da água da Ria, que se deposita no fundo dos cristalizadores. Para se obter este sal, onde predomina, largamente, o cloreto de sódio, a concentração óptima das moiras situa-se entre os 25 e os 29 graus Baumé. Conforme o tamanho dos cristais, o sal classifica-se, comercialmente, em três tipos: fino, traçado e grosso.

Salgado – Área da Ria de Aveiro ocupada pelas marinhas de sal. Das mais de duzentas salinas existentes em 1970, só trabalharam, em 1995, trinta. As salinas de Aveiro podem classificar-se, segundo a sua situação geográfica, em cinco grupos: Monte Farinha, Norte, Mar, Sul e São Roque/Esgueira. Os melhores meses para a extracção de sal são, por ordem decrescente: Agosto, Julho, Junho, Setembro e Maio.

Salina – Espaço unitário do Salgado destinado à obtenção, recolha e tratamento de sal (colo de Aveiro)

Salineira – Mulher que transporta o sal à cabeça, em canastras de 50 quilos, dos barcos para os armazéns. Por vezes, trabalham, também, na salina, carregando, para a malhada, nas referidas canastras, as cabeçadas. A falta de mão-de-obra levou a que, durante alguns anos, se vissem, em certas marinhas, mulheres a desempenharem as duras funções dos tradicionais moços.

Sobre-Cabeceiras – Reservatórios de forma rectangular, com uma altura de água aproximada de 7 cm., situados entre os caldeiros e os talhos e que constituem as segundas peças do mandamento; as suas dimensões são sensivelmente iguais às dos caldeiros. Algumas marinhas, por insuficiência de área, não têm sobre-cabeceiras. Esta pobreza de mandamento pode ser compensada das seguintes formas: aumentando, ligeiramente, as dimensões das restantes peças do mandamento; ou construindo, apenas, uma marinha singela.

Tabuleiro – Travessão com uma largura aproximada de 2 m., em plano inclinado na direcção da engiva e revestido, por vezes, de madeira, que remata os cristalizadores e para onde se rê o sal.

Tertúlio – Magnífico Traje Académico da Universidade de Aveiro.

MN – Muito Nossa.

Varina – Rede de arrasto, mais pequena que a neta, e de malha mais miúda;

Viveiro – Reservatório rectangular em comunicação com a Ria, que se destina a alimentar todos os compartimentos da salina. A água aqui atinge maior altura.



BIBLIOGRAFIA

“Desenvolvimento Regional”, nº34/35, artigo de Paulo Gonçalves e Armando Sobreiro - “Um contributo para a redinamização do Salgado de Aveiro”, C.C.R.C., 1992

Boletim da Associação de Defesa do Património Natural e Cultural da Região de Aveiro, Maio/ Junho 1980

Estudos Etnográficos: Aveiro / coord. por José de Castro. - Lisboa: Instituto de Alta Cultura. Centro de Estudos de Arte e Museologia, 1943-1944

Dias, Diamantino “Glossário: designações relacionadas com as marinhas de sal da ria de Aveiro” - Aveiro: Câmara Municipal, 1995

“Janelas Caídas do Céu”, Círculo de Estudos das Salinas de Aveiro, Ensino Recorrente e Educação Extra-Escolar do Concelho de Aveiro. 1997

▣ AGRADecIMENTOS:

Reitoria da Universidade de Aveiro
Fundação João Jacinto Magalhães
Salgadíssimas Trindades (presentes e
passadas)
Conselhos do Salgado (idem)
Biblioteca Municipal de Aveiro
Serviços de Documentação da U.A.

A todos aqueles que são pela Faina e por ela deixaram o seu contributo (elementos da comissão instaladora do código de praxe, elementos proponentes do Tertúlio, gabão e grifo como trajes académicos, BAC's e outros derivados, enfim a todos os “praxistas” que souberam dignificar a praxe).

AVEIRO

